



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS – ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

**Acalantar: uma prática para aquietar?
Ação de adormecer ou a- que - ser a alma, acalma.**

ISABEL MATTOS SCHMIDT

Foz do Iguaçu
2019



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS – ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

**Acalantar: uma prática para aquietar?
Ação de adormecer ou a- que - ser a alma, acalma.**

ISABEL MATTOS SCHMIDT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Artes e Mediação Cultural.

Orientador: Prof. Mario René Rodríguez Torres

Foz do Iguaçu
2019

ISABEL MATTOS SCHMIDT

**Acalantar: uma prática para aquietar?
Ação de adormecer ou a- que - ser a alma, acalma.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Mario René Rodríguez Torres
UNILA

Prof. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

Prof. Dr. Gerson Galo Ledezma
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

*Dedico este trabalho a criança que
vive em nós...*

AGRADECIMENTO (S) (opcional)

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade..

Aos professores da banca pelas orientações...

Aos colegas de curso....

Este seria o normal... como é opcional...

OUTRISMO ou MonstrEGO

Muitos são os outros que habitam em mim, os EUS, o eu-outro que acolhe ao outro, o outramigo, o que não vê ao outro ou o estranha, o outramento; mas de todos os outros que possuo o eu-outro que quer tomar o lugar do outro, ser ele, que canibaliza ao outro o OUTREGO é com ele que devo tomar cuidado. Com este devo me preocupar, ele é o amago do meu eu.

No outrismo cabem todos os “ismos”, machismo, racismo ambiental e estrutural, sexismo, e por aí vai; e envolto por este conceito abarco o todo, assim como faz a cultura, tudo que não cabe em mim compartimentado; estes todos “estranhamentos” aos quais agora não mais preciso nomear apenas dizer que compreendo este outro, que não sou eu, entendo sua dor, sua cor, sua forma de se relacionar sexualmente, vestir, estar no mundo; é o Outro. Porém, não cabe aí o outrego; o que quero do outro e não possuo, sem parâmetros para medir egos eles saem à baila um se mostrando ao OUTRO, falam bem, comem bem, são bem vistos, bem “apegoados”, bem de vida financeiramente, bem amados, bem poderosos, outro bem que não sou, mas almejo ser - outra forma de ver. Seguir Eco-Egos? Eu não. Parei no outro, o estranho que acolho. É com ele que eu tento de todas as formas matar o *outrego* dentro de mim, mas para isso a que conhecer e estar aberto para esta diversidade muitas vezes tão estranha a mim e é preciso acalmar com doçura e muita paz este ego que borbulha efervescente tentando se mostrar a toda gente, nem tão simples, também não tão complicado; é só olhar com os olhos daquela criança curiosa que ainda está guardadinha no interior de cada gente, a revolução será das crianças, sem mais egos nem “ismos” ficamos apenas com o outro que ensina, que aprende, *outroca*, outrora, outrem... tantos outros por aí neste “mundo onde cabem OUTROS mundos”.

Agradeço a vocês que acalmam meu ego, que me fazem ver as pequenas coisas da vida, que me acompanham em minhas inúmeras loucuras, são tantas e há tanto tempo que tudo isto vem acontecendo que não caberiam nestas páginas todos os nomes que guardo em meu coração, em minhas lembranças, boas e nas não tão boas assim; é família, filhos e amores, desde sempre, amigos ao longo da vida (de não poucos anos), conhecidos, professores, alunos, adultos e crianças de muitas cores, etnias, valores... Sempre pensei ser na vida como uma árvore, onde o fruto está ali para ser colhido, e quanto mais colhe mais nasce... mas também sou passarinho, borboleta, abelha, depende do dia ou momento e saio a buscar sementes, colher frutos; a natureza do ser é de troca e sinceramente acredito que estamos todos ligados, conectados por energias inexplicáveis; somos rizomas. Sou sonhadora, ainda em busca de um mundo melhor para todos.

Assim que: Simplesmente gratidão a este universo imenso e a natureza que me cerca. Gracias, obrigracias, aguyje, merci,... tente ler aqui a palavra que significa para você obrigado, eu agradeço e sigo...

*Os pássaros cantam na linguagem certa e correta que a
própria mãe natureza lhes deu.
Carolina Maria de Jesus*

SCHMIDT, Isabel Mattos. **Acalantar : uma prática para aquietar?** Ação de adormecer ou a-que-ser a alma, acalma. 2019. 81 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

RESUMO

Neste trabalho de pesquisa sobre os acalantos na América Latina fiz uma análise das letras de algumas canções de ninar como “Duerme Negrito”, “Torore rore” (cantiga guarani), “Mãezinha do céu” e “Arroro mi niño”, procurando encontrar o que está oculto nestas melodias que entoadas, penso eu, vão construindo um ritmo de vida e sedimentando noções de raça, gênero, padrão social, sentimentos de medo e solidão, nascer e morrer. Entre fronteiras e limiares, os muitos cantares na sua “forma” colocam as “doces regras” sociais. Trata-se de uma investigação etnográfica, pois as músicas foram eleitas, através de uma pergunta a colegas de curso em um intervalo entre classes: Que canção de ninar cantaria para mim? Sem muito pensar, cantaram. E é também uma pesquisa bibliográfica, posto que procurei autores que estudassem as questões acima elencadas. Para conclusão busco alternativas em outras cosmovisões não hegemônicas e que pensem e tragam seus cantos relacionados com a natureza e o fazer comunitário. Encontrei ao final uma (in) conclusão, muitos são os caminhos, lanço aqui apenas ideias “ao vento” - sementes.

Palavras-chave: Cantigas de ninar; raça; gênero; natureza; decolonialidade.

SCHMIDT, Isabel Mattos. **Acalantar: una práctica para calmar?** Acción para dormirse o a-que-ser el alma, calmase. 2019. 81 páginas. Trabajo de Conclusión de Carrera (Graduación en Letras Artes y Mediación Cultural) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz de Iguazu, año 2019.

RESUMEN

La siguiente investigación presenta un análisis de las letras de algunas canciones de cuna en América Latina, como “Dueme negrito”, “Torore rore” (en guarani), “Mãezinha do céu” y “Arroro mi niño”. Trato de encontrar lo que se oculta en estas melodías, que, creo, construyen y sedimentan cuestiones cómo raza, género, lugar social, sentimientos de miedo y soledad, nacer y morir. Entre fronteras y umbrales; las muchas canciones en su “forma” ponen las “dulces reglas” sociales. Se trata de una investigación etnográfica, porque las canciones fueron elegidas, a través de una pregunta a las compañeras de clase en un intervalo: ¿Qué canción de cuna me cantarías? Sin pensarlo mucho, cantaron. Y también es una investigación bibliográfica, porque busqué autores que estudiaran las cuestiones mencionadas. Para concluir exploré alternativas en otras cosmovisiones no hegemónicas, que piensan en canciones relacionadas con la naturaleza y el hacer en comunidad. Encontré al final una (in) conclusión, muchos son los caminos, lanzo aquí sólo ideas “al viento”, semillas.

Palabras clave: Canciones de cuna, raza; género; naturaleza; decolonialidad.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
LAMC	Letras Artes e Mediação Cultural – Graduação (Bacharelado)
ICAL	Integração Contemporânea da América Latina - Mestrado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 PÓS-INTRODUÇÃO.....	18
1.1.1 Entre medos e Corruptelas. E agora? É o fim?.....	18
2 DESENVOLVIMENTO.....	20
2.1 INTRODUÇÃO AOS ACALANTO.....	20
3 CAPITULO I.....	23
3.1 Entre Luas - Um sopro de vida.....	23
4 CAPITULO I I.....	34
4.1 Acalanto - Um canto qualquer.....	34
5 CAPÍTULO I I I.....	44
5.1 A -VOS - Homenagem aos ancestrs.....	44
6 CAPÍTULO I V.....	55
5.1 Rizoma - Tempo de Re-Creio.....	55
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
3.1 (IN)CONCLUSÃO - QUEM ACALANTA ESTA TERRA?.....	64
3.1.1 BUSCANDO RUMOS-CONCLUSÃO UMA - PASSADO.....	67
3.1.2 BUSCANDO RUMOS-CONCLUSÃO OUTRA - PRESENTE.....	69
3.1.3 BUSCANDO RUMOS-CONCLUSÃO ALGUMA - FUTURO.....	71
3.1.4 SEM FIM...E SEM COMEÇO. UMA RODA DA VIDA.....	75
REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Pra meu gosto a palavra não precisa significar – é só entoar.
(Manoel de Barros)

Toda mudança inicia dentro de nós mesmos, muito clichê? Frase pronta, se escuta nos cursos de “sim você pode”, se ouve como palavra de força, para dar continuidade a dureza que é enfrentar ou aceitar mudanças que nem sempre são escolhas nossas, ou se sim elegemos às vezes nos direcionam para transformações que irão ocasionar quase uma re-evolução...

Sim, eu mudei, meus olhos se abriram para um novo mundo, outras realidades, ao sair hoje não sou mais a mesma de quando aqui cheguei, de quando entrei pela primeira vez na porta da “América Latina” vista através dos olhos *oblíquos e dissimulados*¹ dos mestres, alunos e servidores que fazem parte desse universo chamado UNILA.

Sendo uma clássica mulher, branca, do mundo dito patriarcal, machista, homofóbico e racista a transformação foi literalmente como entrar com Alice, das maravilhas, no mundo “nonsense” que a mim se apresentava. E assim *re-nascer* no encontro de valores que acreditava apagados categoricamente por um trabalho muito bem feito dos aparelhos ideológicos de Estado²; família e escola, mas que apenas se encontrava diluído, abafado, na essência que me acompanhava, salva por escolhas como a primeira universidade cursada e o de ser educadora infantil que mantiveram viva a chama da curiosidade e questionamento constante, a olhar o mundo como uma eterna aprendiz. Seguimos...

Nesta trajetória me encontro hoje a pensar que a alma livre, creio, herdei de minha mãe e o lutar sem desistir do meu pai. Afinal vejo que também

¹ Sedutores, misteriosos, cheios de intenções... um buraco negro?

²ALTHUSSER, LOUIS. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. (Notas para uma investigação).3.ed, Lisboa: Editorial Presença/ Martins Fontes, 1980. Disponível em <https://politica210.files.wordpress.com/2014/11/althusser-louis-ideologia-e-aparelhos-ideolc3b3gicos-do-estado.pdf> acesso em 15 de junho de 2019.

eles vinham plantando subjetividades, não apenas aparências, e que estas acabam constituindo o ser de cada um, assim foi nessa busca por ela, a essência, que cheguei a pesquisa dos acalantos, essa canção cuja origem no momento inicial desconheço, mas que acredito ser tão antiga quanto a formação da terra. O cantar para adormecer os medos, para explicar a natureza, para naturalizar padrões, o cantar que embalando vai justificando valores que constroem e se enraízam não só na mente; que toma conta do corpo e da alma.

Neste trabalho de pesquisa etnomusicológica vou buscar traçar parte da história destes cantos pensados para adormecer aos bebês e ao analisar as letras das canções tentar encontrar o que está oculto ou não; melodia que entoada vai construindo um ritmo de vida e sedimentando raça, gênero, padrão social, sentimentos de medo e solidão, nascer e morrer; os muito *cantares* que na “forma” penso eu, colocam as “doces regras” sociais.

Por ser uma investigação as direções são delimitadas por certezas, mas também, de inúmeras incertezas. É um caminhar...

Alice: Você pode me ajudar?

Gato: Sim, pois não.

Alice: Para onde vai esta estrada?

Gato: para onde você quer ir?

Alice: Eu não sei, estou perdida.

Gato: Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminhos serve.³

Muitos são os caminhos e as possibilidades que se desvendam nesse pesquisar, nessa busca por veredas nunca antes exploradas assim que vou lendo sobre raça, colonialidade, patriarcado, vou da história à filosofia, da ética ao político, das questões ambientais as mais distintas cosmovisões e me perco... E me encontro.

³Diálogo adaptado do original que se encontra na *Aventuras de Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll. Disponível em <https://kdfrases.com/usuario/gabriele/frase/388f> acesso em 29 de novembro de 2019. Nas conclusões desta pesquisa retomo este trecho na sua versão original e na seguinte tradução em livro ao português: Carroll Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução: Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. Disponível <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/arquivos/alice-no-pais-e-atraves-espelho-trad-m-l-borges.pdf>

Um artigo de Judith Butler, que fala da constituição do gênero foi uma das primeiras leituras. Resolvi: começo por aí, pois é a primeira pergunta que se faz ao gerar: Será menino ou menina? Nesta pergunta tão simples estão as questões de raça e gênero, escolhas de cores... azul ou rosa, branco ou preto? Estranhar é necessário, entrar neste mundo, como já disse “nonsense”, virar de cabeça para baixo e olhar o através dos espelhos, outra vez Alice.

E sigo como acima já mencionei com imensas questões em relação a estes aparelhos ideológicos, principalmente os voltados para as crianças, as que estão “no olho do furacão”, as que de tão inocentes, “meras páginas em branco” são *criadas*; ensinam então as nossas crianças em uma lógica onde a subjetividade vai dando força e vazão ao que está aí constituído, por isso estas singelas canções de ninar, penso eu, vão muito além de apenas adormecer... Fazem parte do primeiro e mais fundamental aparelho ideológico, o núcleo familiar aquele que irá entregar com toda confiança ao próximo elo da corrente, a escola; que hoje cada vez mais cedo embala “os sonhos” de nossos pequenos; todos escutando a melodia “do berço à sepultura” como diz Anna Poncela (2005, p.11), e aqui faço a tradução, “desde la cuna a la sepultura”.

Contudo, neste concerto, há um Aparelho Ideológico de Estado que desempenha incontestavelmente o papel dominante, embora nem sempre se preste muita atenção à sua música: ela é de tal maneira silenciosa! Trata-se da Escola. Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais, e a partir da Pré-Primária, inculca-lhes durante anos, os anos em que a criança está mais «vulnerável», entalada entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado Escola, «saberes práticos»...nenhum Aparelho Ideológico de Estado dispõe durante tanto tempo da audiência obrigatória (e ainda por cima gratuita ...), 5 a 6 dias em 7 que tem a semana, à razão de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista...(ALTHUSSER, LOUIS, p.66-67)

Revuz (1998) afirma que muito antes de falar, a criança é falada intensamente pelo seu ambiente. Segundo a autora “a audição é o sentido mais desenvolvido no feto, e o recém-nascido tem, como o mostraram numerosas experiências, a capacidade de reconhecer as vozes, as músicas, os fonemas da língua na qual está imerso” (REVUZ, 1998, p. 218).

Somos muitos os que seguem ao longo da vida perpassados por músicas que marcaram momentos, cantos que são rituais, sons que nos acordam, que nos movem, alegram ou entristecem.

Nesta busca auditiva de canções de cuna, de ninar, acalantos, faço um recorte em um tempo específico um “tempo de brincar com os sons”, vendo neste brincar um aprender a ser. Embalar para adormecer.

Pesquisar sobre os cantares pensados para adormecer também causou em mim esta relação de aprender e conhecer uma segunda língua e a busca me levou a imaginar novas formas de se adormecer sem silenciar ao outro, mas, sim fortalecer este novo eu com culturas e saberes, fortalecer *o ser-fazer*, “falar outro idioma, naturalmente”. Incorporar saberes e fazeres. *Prá-ti-ca-ntar!!!*

O que deu início a esta pesquisa foram às canções de cuna cantadas para mim em 2014 por colegas a quem questionei; naquele momento era apenas uma ideia do que viria a ser um artigo escrito para uma disciplina que cursava como aluna especial do mestrado do ICAL (Integração Contemporânea da América Latina) com o professor Gerson Ledezma: *que canção de ninar você recorda? Pode cantar para mim?* Tudo muito improvisado e espontâneo, quase uma brincadeira “de crianças”, afinal este é o universo ao qual me identifico, sou professora de jardim de infância, por várias décadas transitei neste *quintal*.

Por ser esta também uma investigação etnográfica ainda não sei ao certo até onde irá chegar essa busca, muitos são os caminhos que se abriram desde que resgatei na aula de tradução cultural o então artigo esquecido escrito a partir das músicas colhidas; e que por incentivo dos professores Félix Eid, Lígia Andrade e Mario Torres, meu orientador, transformou-se na saída da graduação, meu trabalho de conclusão de curso ao qual aqui busco conseguir dar continuidade, fiz apenas uma trilha.

Para construir a narrativa li alguns autores, pensadores como Silvia Federice, de *O Calibã e a bruxa*, Djamila Ribeiro, de *O que é lugar de fala*, Silvio Almeida sobre racismos estruturais; além de outros que trazem a questão da decolonialidade como Aníbal Quijano, Silvia Rivera Cusicanqui, Boaventura de Sousa Santos, Grosfoguel, Rita Segato. São leituras que realizei, mas cujos autores não necessariamente estarão em citações, mas sim nas entrelinhas, nos pensamentos aqui expostos. Já alguns como Dussel me ajudaram a pensar a estrutura dos capítulos, e Anna Poncela (2005) foi fundamental com sua pesquisa sobre canções infantis que traz inquietações semelhantes às minhas, portanto abriu as portas para uma certeza no caminho a seguir. Impossível aqui nomear os outros tantos escritos, artigos, teses, reportagens, entrevistas, tanto em forma

escrita como oral que foram dando corpo ao trabalho que ora apresento. Imprescindíveis para a pesquisa que está apenas *alinhavada*, assim ao vento a palavra foi “jogada”.

Se-mentes!

Ao primeiro capítulo dei o nome de Entre-luas, um sopro de vida, em homenagem a menina que se diz “vento”, Leidy Recalde, que traz o acalanto *Torore rore* em guarani. Nesta faço um clamor pela terra e a natureza, um olhar para a conquista desta Terra América e seus “*rostros multiples del pueblo uno*” de Dussel (1993), “la otra cara” da modernidade. É também sobre este vazio que constitui as identidades latinas, as dualidades e não pertencimentos. Quem somos? Os silêncios.

Acalanto um canto qualquer. Bicho papão tem gênero? É o caos. Neste segundo capítulo irei tratar sobre os polos, a questão do patriarcado e a resistência a uma história matriarcal; o medo e o terror aos monstros e as bruxas, a oração e a religiosidade serão a força salvadora? *Mãezinha do céu* cantada por Elisane K. da Silva, encontro de Alices.

A-vós-homenagem aos ancestrós é o terceiro capítulo. Este não lugar de um não tempo. Os corpos e a voz, não vistos, não escutados. As fronteiras e limiares.

O tempo da escravidão já passou? Livia Gomes me presenteia com seu corpo e voz, traz a canção *Duerme negrito*, desta trato nesta “parte” da pesquisa. Partida. Apesar de ser aqui colocado foi o primeiro a ser escrito.

E finalmente a esperança chega no *aroro mi niño*, na criança que está hoje no ventre da amiga Inés Varela e que naquele instante sussurra ela fortemente e balança as estruturas, une voz e coração por a mãe de todxs - a Terra. Rizoma tempo de Re-creio é o último capítulo e o que leva a vários caminhos, uma(s) conclusão(ões) que responda ao gato, o da Alice, a das maravilhas; a do espelho.

Sim são muitos os caminhos que não servem ou deixaram de servir apesar de aí estarem a muitos e muitos anos; contam a mesma história, cantam as mesmas canções. Busco novo trilhares, outros cantares.

Eu sou Isabel, a que canta pelas ruas. Esta é minha pesquisa, que surge de uma indagação: Quem acalanta esta Terra? A mãe.

Pós **INTRODUÇÃO:**

Entre Medos e Corruptelas. E agora? É o fim?

Respondo, nunca é um fim, agora vejo que sim, nos acalantos encontramos os medos construídos, neles se apresentaram a busca de minha inquietação primeira; o gênero, raça e colonialidade, bem como outras formas de dominação estão nestas singelas canções, mas também o medo Outro, aquele que não tem explicação científica, o medo da incerteza, o que nos leva a pesquisa do quem somos, de onde viemos, para onde vamos?

Sempre uma busca no mundo “dos espelhos”, do olhar ao outro, do ter uma escuta atenta a PALAVRA, aquela que dizem... um dia deu origem ao mundo.

Te convido a entrar neste universo cantado, construí aqui uma trajetória.

A primeira dificuldade, ou posso dizer *meu medo*, era o de entrar na “caixa” acadêmica; então vi que sim posso encaixar a pesquisa dentro de caixas-palavras, as que soam dúbias, falam silêncios, entoam verdades, falseiam temporalidades.

Ao unir som, corpo e palavra cantada, corporalidade da dança e do canto, cria-se um movimento com o qual é possível atravessar tempos e receber a força de um universo, UNI - VERSO. Minha pergunta primeira: Acalantar a Terra. Quem?

O fato de as canções infantis e as cantigas de ninar estarem presentes nos ambientes não significa que tenhamos para elas uma escuta atenta, naturalizamos a presença delas e com isto apenas “ouvimos” sem escutar o que comunicam os seus cantares. Temos de ter uma escuta de estranhamento em relação a elas; ouvir com outros ouvidos, o som e a letra, perceber desta forma as marcas sociais, étnicas, raciais, de gênero e políticas que carregam; analisar o contexto em que foram geradas e fazer comparações com a contemporaneidade. O que revelam estas singelas canções de ninar? Estranhar é preciso!

Encontrar nas “grietas” o que sai do caminho único, vai pelo atalho do subordinado, do subversivo, dos — como diz Galeano — “los nadie”⁴.

Assim seguimos como as crianças que quando não sabem inventam ou perguntam, e como perguntam, e como inventam; mudam as palavras e seu falar conforme seu entender, sua lógica de mundo. Criam, estão de mente aberta ao novo; ela é o novo no mundo; é voz que instiga, questiona, observa. As respostas que encontra nem sempre tem uma só direção, caminho certo; são rizomas e pertencem ao tempo do “não tempo”, aquele que não tem lugar ou idade certa; são como dizem “espirituosas” essas *crianças*, sem idade certa, a que vive ainda em nós e sai através dos sonhos, não o adormecido... sim os sonhos que se tem acordado. Os dos olhos bem abertos, os dos que estão nas ruas, nas periferias, nos campos de batalha, nas lutas do dia a dia, estes milhões de *en-cantados*, que teimam como as crianças em seguir enfrentando ambos os medos usando de corruptelas, descaminhos, outros caminhos, “vi-elas”.

A revolução será destas, as crianças que acordam a Terra, que tem seus sonhos em-*bala*-dos, que brincam com as palavras e as escondem nas singelas canções de ninar. Sobre isto também é esta pesquisa que agora apresento.

⁴ Escute e leia a letra. Disponível em <https://lyricstranslate.com/pt-br/eduardo-galeano-los-nadies-lyrics.html> acesso em 23 de novembro de 2019.

2 DESENVOLVIMENTO

INTRODUÇÃO aos ACALANTOS

*Quem fala semeia.
Quem escuta colhe.
(provérbio malinqué)*

Gênero: Canção de cuna, Acalanto, Canção de ninar, Berceuses.

Canção para ser cantada, ou seja, emitida por alguém; normalmente referente a pessoas do gênero feminino, mães, avós, tias, irmãs, cuidadoras, nanas, no caso das *canções de ninar*.

La nana es una emoción cantada, una demostración de cariño y ternura. A través de ella se establece un vínculo muy importante entre la madre o el padre y el bebé; es una forma de lenguaje donde importan menos las palabras que la expresión de un sentimiento, la musicalidad y el ritmo. Un ritmo basado en el corazón, que es el que ha marcado la vida del bebé en el útero materno, y que permite mecerlo con la cadencia de las olas. La nana es un estímulo que aumenta las respuestas del niño hacia el mundo exterior, favoreciendo su sociabilidad y fomentando el aprendizaje temprano. En ella se encuentran todos los elementos que familiarizarán al niño con la formación del lenguaje: las vocalizaciones... la repetición de sonidos... de palabras familiares o de frases... el interés por el tema... el ritmo unido al movimiento de mecer, la musicalidad, las frases breves, el uso de diminutivos. (Menéndez-Ponte y Serna, 1999:7 apud Poncela, Anna, 2005: 189).

A canção vista como gênero discursivo e como um ritmo que não se dança, é lento, se balança.

“Cristalizar-se enquanto gênero discursivo” significa adquirir uma certa estabilidade, reconhecida socialmente, em termos de estrutura, forma e conteúdo. Esta é a definição de “gêneros do discurso” dada por Bakhtin (2003). O que a segunda metade do século XIX e as três primeiras décadas do século XX assistiram foi este processo de cristalização de diversos gêneros da música popular: bolero, maxixe, danzón, tango, samba, son, jazz, blues, dentre outros. (OLIVEIRA, 2016, p.3)

No entanto, afirma Allan de Oliveira (2016, p.6) a forma “canção” também foi usada para capturar, ou formatar, práticas musicais que, no começo

do século XX, eram vistas como folclóricas, primitivas ou exóticas; uma forma moderna de condensar e reduzir diferenças em um formato comum. Trata sobre a questão do tango e samba que vistos como canção perdem a corporalidade da dança e passam a ser “para ouvir”.

As canções de cuna são classificadas, categorizadas, nos grupos das músicas tradicionais, música popular, como parte do cancionário folclórico; sendo assim são consideradas estáticas, não sofrem alterações mediante a passagem do tempo, são patrimônio cultural imaterial. (IKEDA, 2013, p.175)

Todavia visto por outro ponto de vista e pensando na conotação da palavra *berceuse*⁵, que além de significar canção de ninar também pode ser referente à cadeira de balanço e que intui em ambos os significados o movimento de um balançar, de uma cadência contínua que leva ao torpor; mas também ao não lugar onde se encontram os sonhos e devaneios ou as memórias afetivas, que podem direcionar a tempos e lugares outros que não os do presente lugar, nada estático.

Estrutura e Ritmo: O Acalanto se caracteriza por seu ritmo constante e cadenciado, como um vai e vem, lembra o balanço das ondas do mar, sugere um estar no ventre materno. São canções repetitivas, com versos curtos e um refrão, cantados normalmente em tom de voz suave, sussurrando. Ritmo normalmente lento, um movimento corporal da mãe que leva junto ao peito o filho, o ritmo é dado pelo batimento do coração.

A canção de ninar, a *berceuse*, em seu embalar traz a tona subjetividades e coloca em suas letras os pensamentos emanados das lembranças não ditas nas entrelinhas dos enunciados, cantados para fazer silenciar, calar a quem deve adormecer nesse doce embalar, sonhar.

⁵ BECKETT, Samuel. O Balanço em Berceuse. Disponível em <https://www.ufrgs.br/ppgletas/IIjornadaestlit/artigos/comparada/NOYBiaIsabel.pdf> acesso em 29 de junho de 2019.

“... las canciones son lenguaje, conforman textos y contienen discursos, y como los relatos “comienzan con la historia misma de la humanidad” (Barthes, 1997: 7 apud PONCELA, 2005, p. 194)

CAPÍTULO I

ENTRE LUAS - Um sopro de Vida

Perdido

Fique quieto.

As árvores à sua frente e os arbustos ao seu lado não estão perdidos.

Onde quer que você esteja é chamado de Aqui,

E você deve tratá-lo como um estranho poderoso,

Deve pedir permissão para conhecê-lo e ser conhecido.

A floresta respira. – Escute. – Ela responde,

Eu criei esse espaço ao seu redor, Duas árvores não são iguais para um corvo.

Dois galhos não são iguais para o pardal.

Se você não consegue ver o que a árvore ou o galho fazem,

Você com certeza está perdido.

Fique quieto. – A floresta sabe onde você está.

Deixe que ela te encontre.

David Wagoner⁶

A NATUREZA NÃO TEM CÓPIA, PRESERVE A ORIGINAL.

Dizeres que me calam, vozes interiores que escuto no silêncio, palavras que leio aqui e acolá... esta frase especialmente estava na parede da escola que coordenava, assim como o som do passado em que me vejo declamando um versinho sobre tantas estrelas no céu a brilhar... mãezinha só uma eu tenho para amar! Ambos se unem em uma só voz e questionam: Quem acalanta esta Terra, a mãe Terra.

A terra que não tem cópia chora por não ser mais a mãe amada, deu frutos, gerou, criou, produziu abundância; mas sabe que sua natureza é finita, se não preservar vai faltar, sem gerar novos seres para quem vai o vento sussurrar, a quem vão as ondas do mar acalmar, as árvores balançar, os passarinhos cantar?

Pensam que como humanos são muito superiores à vida “selvagem” e seus mistérios; e por temor, medo do desconhecido poder; acabar com sua natureza é a solução.

⁶ Lost . Disponível em https://blog.bestamericanpoetry.com/the_best_american_poetry/2009/09/lost-by-david-wagoner.html acesso em 11 de agosto de 2019.

Lost. Disponível em <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/browse?contentId=31967> acesso em 11 de agosto de 2019.

WAGONER, David. . Disponível em <https://www.poets.org/poetsorg/poet/david-wagone> acesso em 11 de agosto de 2019.

Mas a Terra clama: quem vai cuidar esta mãe empobrecida, pisoteada, usada, que se encontra em um “asilo” jogada?

Pobres os filhos dessa Terra!!!

“Los tiempos están cambiando (The times they are a-changin)”⁷ declamaba Bob Dylan en una canción profética que data de 1964, en los albores del movimiento contracultural norteamericano. Eso fue mucho antes de que la globalización y sus ‘daños colaterales’ cada vez más visibles - incluido el cambio climático, el extractivismo generalizado, el conflicto y la deslocalización social masiva - Intensificaran el desplazamiento de la gente, la destrucción de sus mundos y la devastación indescriptible de la Tierra... la crisis contemporánea es una crisis de un modelo civilizatorio (ESCOBAR, Arturo, 2016, p.11)

REZENDE afirma, baseado em Octavio Paz: “*Somos órfãos do passado e com um futuro por inventar*” (2000, p.238).

A Lua crescente para cheia de um tempo que se achava plena de vida, onde a terra era abundância e dela se preservava o que nela se encontrava. Os rios eram de água límpida, as florestas produziam não só o alimento, mas também curavam com plantas que conheciam aqueles que seus segredos desvendavam.

Outros tempos, outras luas.

Por aqui chegaram então os que à Terra conquistaram; sabotaram e não mais idolatrada, agora ferida, subjugada se encontra ela arrasada.

Perfeita América, assim construída, inventada, colonizada, onde nasce a modernidade, em 1492 com o Des-cobrimto. Assim nomeada, transfigurada, silenciada, explorada, perdida em si mesma encontra-se esta terra, território, América diversamente latina, tantos rostos Encobertos.

A ideia de que a América constituía um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas que atuaram na fisionomia da conquista e da colonização; e Pedro Henríquez Ureña lembra que o primeiro documento relativo ao nosso continente, à carta de Colombo, inaugura o tom de deslumbramento e exaltação que se comunicaria a posteridade... ideia de Pátria se vinculava estreitamente à de natureza e em parte extraia dela a sua justificativa. (CANDIDO, 1989, p.14)

Dussel nos apresenta, no epílogo do livro *1492. El encubrimiento del otro*, “los rostros múltiples del pueblo uno”, desvenda ali os “muchos rostros”, la

⁷ The times they are a-changin. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/bob-dylan/11920/traducao.html> acesso em 13 de agosto de 2019.

“otra-cara” da modernidade. Entre eles a dos mestiços, filhos e filhas de *la Malinche*, mãe índia e pai espanhol, nem indígena, nem europeu; sem identidade. “El mestizo no quiere ser indio, ni español. Tampoco quiere descender de ellos. Los niega...pero no nos indica cuáles fueron las causas de esa separación y negación de la Madre, ni cuándo se realizó la ruptura” (PAZ, apud Dussel, 1993, p.156).

O vazio do *entre-lugar*⁸ nas Américas, somos aquilo que não é explicado, o ser latino, que não é europeu, que nega suas raízes afro-indígenas; assim: não somos. Não reconhecem a mãe, são negados pelo pai. Desconhecem esta origem que tem a mãe Terra como guia, que idolatra os princípios do *buen vivir*, do coletivo, onde trabalho e lazer são um só fazer; que veneram as estações e as luas e aprendem com a natureza, sua melhor escola. Escolhas? Não reconhecidos como filhos do continente Europeu, a quem idolatram como grande Sábio, a ele seguem, copiam e entregam suas/nossas riquezas.

Nem mestiços, tão pouco transterrados como os negros escravizados, mas também aviltados se encontram os povos que nesta selvagem e inóspita terra (deserta) viviam.

Saberes e corpos dominados buscam os originários uma forma de expressão, um meio de preservar sua identidade, sua cultura, mostrar que está vivo seu povo, uma voz, um soar, um cantar. E baixinho no escuro da noite, faz a mãe adormecer a criança, com seu canto, acalanto; sussurrando... entrega de contato corporal, afetivo, presente, som do coração, ritmo da respiração; corpo sonoro que transmite sensações de prazer e angústia.

Jasy opurahéi chéve	A Lua canta para mim
Ha che apurahéi ndéve	Eu canto para você
Reke hãgua che kunumi ⁹	Para você dormir minha criança

Canta a mãe índia ao filho, canta a lua e a natureza, embalando seus sonhos. Que sonhos?

⁸ Foi o brasileiro Silvano Santiago quem, nos anos 1970, quando vivia nos Estados Unidos, definiu esse espaço intermediário e paradoxal, no ainda hoje atual ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, filiando-se à tendência tropicalista dentro da tradição oswaldiana e modernista. Para ele “o intelectual brasileiro no século XX vive o drama de ter de recorrer a um discurso histórico, que o explica, mas que o destruiu; e a um discurso antropológico, que não mais o explica, mas que fala do seu ser enquanto destruição” (Santiago, 1982, p. 17 apud Hanciau, 2005, p.1-2-pdf).

⁹ Canção el niño pez Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IAUqrXgwJnQ>
<https://lyricstranslate.com/pt-br/el-ni%C3%B1o-pez-el-ni%C3%B1o-pez.html> também aqui

Esta canção chega até mim trazida pelo professor Mario Ramão, para ilustrar sua classe de guarani, ele filho deste povo originário, ao se expressar cantado na sua língua materna desperta em mim o inexplicável, talvez esse não dito que teima em negar as origens; impregnada de tal forma que posso ainda hoje escutar a melodia por ele cantada e por nós seus alunos repetida, no intuito de aprender o idioma que faz parte da grade curricular do curso. Porém, mais adiante, nos apresenta a canção na plataforma digital ¹⁰ cuja origem é um filme, baseado em um livro de Lucía Puenzo (2005) que dá nome a película intitulada *El niño Pez* (2009), dirigida pela escritora da obra. A canção foi composta para uma cena do filme que tem como enredo um amor entre duas mulheres de classe social distinta, uma relação conflituosa que envolve também fronteiras terrestres, Argentina e Paraguai¹¹. No entanto ao pensar em escrever o artigo que deu início a esta *coleção-coleta* de músicas de cuna, foi esta a primeira, a fonte, o ponto de partida. Ela estava realmente entranhada. Sonhada.

Imagino eu uma mãe guarani embalando seu filho, não é a cena que se encontra revelada no filme, é a que me remeteu o professor ao cantar em sua aula, talvez seja um pouco desta mãe entoando para meu filho que já adulto para outras terras partiu. Eu!

Cantando para o filho e para si mesma, desafia a mortalidade do tempo, é princípio e fim, total e verdadeira, é divina. Evita a contaminação e a degeneração, alerta serena para manter suas raízes, da Terra conhecida, por ela amada e não excluída, agora assim dominada.

Outros tempos, outros cantos; a Lua foi ficando assim minguante; cheia de preconceitos, de ideias que vinham de longe, de sombras que tomaram conta daquelas terras. Foram se perdendo valores, crenças, ritos e viram minguar como

¹⁰ El niño pez. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=i7oQkNEwHrk> acesso em 08 de setembro de 2019. A canção que nos apresentou o Professor Mario Ramão na aula em 2014.

¹¹ Sinopse: Lala, moradora de um dos bairros mais ricos de Buenos Aires, se apaixona loucamente pela jovem empregada de seus pais, a paraguaia Guayi. Juntas elas fazem planos de ir morar no Paraguai, à beira do lago Ypoá, e começam a roubar tudo o que veem pela frente, guardando as economias numa caixa de sapatos. Quando a caixa enche, sentimentos desagradáveis como a raiva, a inveja e o ciúme começam a aflorar. Mas este é apenas o ponto de partida para uma fuga que as leva para a grande estrada que liga o norte da Argentina ao Paraguai, onde acontecimentos inesperados as aguardam.

Opinião: A história é entrecortada. Não é linear. No início confunde, aos poucos o quebra-cabeça vai sendo montado. Por isso não há aprofundamento das personagens. O roteiro mostra que esse distanciamento é por causa da dura realidade de não se ter escolhas e que sonhar talvez seja a única solução para sobreviver. Disponível em <https://vertentesdocinema.com/o-menino-peixe/>
Cena do filme-<https://www.youtube.com/watch?v=jraMeO7i3k0> acesso em 13 de agosto de 2019.

a lua seus matos de árvores frondosas, as águas volumosas de rios e mares; alimentos agora escasso nas florestas e sonhos outros de tempos outros com televisão, geladeira, celular, supermercado e o que mais se inventar deixando para trás aquele tempo de lua crescente agora buscando uma lua nova... Uma nova vida possível, para seguir assim como as luas sempre um novo e eterno ciclo. Polos?

Sempre polos, sorte ou astúcia tiveram aqueles que se colocaram como “donos da Terra” e que através do poder, ligado estritamente a força, oprimem e mantêm os oprimidos – inconscientes, sem que tenham (cons)ciência do que aconteceu-adormecidos; astutos conservam assim o poder do opressor e sorte deles que não despertaram sua consciência os oprimidos. Para fazer parar estes polos é necessário que o povo subjugado se torne (d)esperto e astuto – Sororidade, irmã-lua desperta a mãe-terra, sem ser uma questão só de gênero, mas de afinidade pela sobrevivência. *Cons-ciência* natural.

Dicha pauta es la conciencia ecológica y de género, la cual nos permite darnos cuenta de que la vida es el conjunto de componentes vivos aparentemente diversos, pero tan estrechamente ligados unos con otros, que atender contra uno solo de ellos es atender contra todos y provocar repercusiones nocivas para todos. (Pedagogia da Ed. Popular, 2016, p.10).

Incons-ciência, não natural - feminicídios, são questão de gênero, são como diz Rita Segato para Josefina Edelstein,¹² em uma entrevista em agosto deste ano, uma questão do macho querer mostrar ao outro macho sua potência controladora, ou melhor dito, um poder pela moralidade, por manter a ordem; onde mulheres devem ser controladas e não as que controlam ou têm vontades, onde importam as escolhas, simples e corriqueiras, como a roupa que irá vestir e se apresentar “nas ruas” a este outro, cara pálida, bicho-homem,másculo.

É poder moral, do homem, o mesmo que julga e oprime mulheres; que se volta para a natureza, virgem, e torna-se um fazer desejoso que desmata; que mata a vida ali existente, um poder de controle da mãe Terra e dos que acreditam que esta é a que nutre, tem vida, dá vida, é mulher, natureza que gera. Deve ser controlada!

¹² Por qué la masculinidad se transforma en violencia. Disponível em <https://laciudaddelasdiosas.blogspot.com/2019/08/entrevista-rita-segato-por-que-la.html> acesso em 16 de agosto de 2019.

Portanto, vê aos povos originários como a esta *mulher (es)* que sai do jugo, que hoje estão ali “nas ruas” mostrando sua luta, estão nas mídias, fazem e realizam filmes, livros, documentários, cds; estão nas letras e nas músicas imprimindo sua imagem ao Outro, ocupam os lugares de saber nas universidades... Totalmente, sem controle!

Este feminismo como limiar; uma passagem entre os dois sexos caracterizados pelo seu aspecto genital (anatômico), mas também o espiritual; assim como a cerimônia *Omboherá*, de nomear a um guarani que ao nascer - *no “se llama”, “es” su nombre* - o xamã entra em transe e elege um nome que é a manifestação da sua alma divina e que se ligará a terra por um fazer manual de seus familiares ao talhar um banco redondo de cedro para que se “assente” sua alma e aqui permaneça. Desta forma descreve ZOVICH (2015, p. 71) em um dos relatos colhidos por ele na tradição oral guarani e transcritos no livro *Mitología Guaraní, el origen de los originarios*; o qual qualifica como “*un intento por arrojar un poco de luz sobre, esa zona gris e inasible...un rompecabezas inaccesible...una puerta entreabierta.*”

Um nome terra/alma que irá lhe acompanhar toda a vida, um “poder de nomear”, a mesma força da palavra enunciada que se encontra no significado de - ñe’e, que é alma, idioma, língua, nome, vida.

De acordo com Susy Delgado (2007, p.06) “El ser humano es una encarnación de la palabra”; para o povo guarani a palavra é a forma de comunicar-se com os deuses; identificam-se profundamente com ela desde o momento da concepção, é através dela que irão se tornar mais sábios, mais humanos e virtuosos conforme dela utilizarem-se; a palavra para um guarani é sagrada, é proteção.

Então contra elas (es): o poder moral do macho, que precisa mostrar quem é para este Outro, este originário que sai da *selva* para as ruas, que desfila nas ruas.

E não entende este homem, fora do tempo, do Agora? Como pode esta mulher de ascendência indígena se colocar? Fazer marchas, lutar? Empoderar-se.

O termo “feminismo” surgiu no século XIX e foi atribuído ao pensamento utópico de Fourier. Em 1872 o filho de Alexandre Dumas utilizou o termo para qualificar uma paragem no desenvolvimento e um defeito de virilidade nos sujeitos masculinos. Assim, na linguagem médica, o vocábulo foi usado, ao longo de vários decênios, para caracterizar

homens com aparência feminina, enquanto, na linguagem política foi usado, sobretudo, para caracterizar as mulheres que, reivindicando a igualdade para com os homens, pareciam querer assemelhar-se a eles. Contudo, independentemente dos diferentes usos do termo, este designa o outro sexo, homem ou mulher, como sendo susceptível de abolir a diferença sexual, isto é, o “feminismo” é a causa limite, onde a diferença sexual está ameaçada, que é visto, porém, segundo um ponto de vista masculino, como a defender a sua integridade. (DUARTE, Olga Maria, 2005, p.17)

Assim nomeado passou a ser uma luta das mulheres por essa passagem entre a fronteira dos sexos, um trânsito onde não se quer deixar de ser mulher, porém se reivindica os direitos dados aos homens; a queda do machismo, abolir o patriarcado; nomear aos filhos crianças com outros fazeres, dizeres... acalantar com canções que falem da natureza, da igualdade entre não só homens e mulheres mas para todos os que nesta Terra vivem, sobrevivem.

Quer mostrar a quem *Não vê* que ela é ou luta para ser vista pelo seu povo como igual, que não tem questão de gênero, é questão vital; crer que todos viemos da mesma mãe: A Natureza da Terra. É uma questão de Vida!¹³

Silenciar vozes até então ruidosas que teimam em manter fixas as fronteiras e criam polos, criar então limiares onde se possa transpor as barreiras do tempo, espaço, deixando para trás os pensamentos construídos e se impregnando nesta passagem de um novo tempo, um fluir por entre os muitos mundos, uma conexão rizomática, onde se encontram e desencontram os milhares de ramos e ramificações que no todo são um. Somos uno.

Simplemente somos. Cuarenta y ocho genes nos separan de un cedro, cuarenta y cinco de una rana, compartimos el noventa y nueve por ciento de los genes con primates y ratones, dice la ciencia. Somos uno, dicen filósofos y científicos. Somos uno con nuestros hermanos los peces, los animales y las plantas dice *Coendú*. (ZOVICH, 2015, p.86)

E então os acalantos, esses cantares, precisam se voltar a este homem, que não foi adormecido com o som dos pássaros, dos ventos, das ondas dos mares, das águas que correm; mas foi dado a ele o medo, e o poder de se fazer grande através de uma moral: colocar o terror em quem não anda conforme as regras sociais de trabalho, de justiça por ele idealizada, a ordem de um mundo

¹³ Este link remete a algumas mulheres indígenas que fazem a diferença. SETE MULHERES INDÍGENAS QUE VOCÊ PRECISA CONHECER. Disponível em <https://usinadevalores.org.br/aqui-esta-uma-lista-com-7-mulheres-indigenas-que-voce-precisa-conhecer/> acesso em 02 de outubro de 2019.

onde reina o Bicho Papão, o Boi da cara preta, o Coco... entre medo e cuidado. Imposição e vontade. Te cuido, te olho. É pura contradição.

Este Outro, porém ao mesmo tempo a maioria de nós mesmos, latinos mestiços, em torno de quem vai se construindo o que chamamos América Latina, luso-hispânica; vive em seu corpo a figura contraditória da modernidade, sendo a raça majoritária não será sobre ele, o mestiço, que se contará a história. Não sofreu como o índio e o escravo africano, mas é igualmente oprimido, eurocentrado, dividido entre dois mundos, oprimido e opressor; moderno com imaginário ancestral.

O corpo como potencial mudança e este fazer embalar e cantar, tendo junto de si uma criança que poderá vir a ser a mudança, o novo ou perpetuar o velho; levar a tradição, este lugar portanto onde vida e morte se encontram em um mesmo toar; o entre lugar, o viver para ou sobreviver em; falar ou calar? Acalantar!!!

Traz a canção de cuna original entoada por Nhá Silvia, a avó da comunidade, estes dois universos; a fala de um guarani misturado com espanhol, um *jopara mestiço-criollo*, o guarani do tempo dos sonhos originários e este novo falar cheio de palavras cujo significado não remete ao objeto pois deles não fez uso ou pouco lhe serviu como servilleta, mantelina, chaqueta, calzoncillo...mas que se encontram hoje presentes na vida de sua *neta* Leidy; uma das muitas crianças para quem cantava esta senhora branca de feições espanholas que falava somente em guarani, como me conta hoje Leidy em seu relato sobre a canção. Lembra que a senhora vinha do monte, local afastado da comunidade, de um pequeno bosque, onde tinha uma precária moradia; trazia frutos e canções que trocava por alimentos, regalados pelas famílias das crianças para quem cantava “la abuelita”, que desta forma sobrevivia; os tempos mudaram e aqui estamos nós entrecruzando saberes, sobrevivemos.

Era o início da caminhada, em 2014, de improviso Leidy cantou para mim o pouco que recordava, era muito pequena quando cantavam para ela, a canção saí quase como um sopro...

Torore rore-*arorro mi niño*¹⁴

Tororé mi niño

Tororé roré

Tororé mi niño

pysape cuchara - *deditos del pié con forma de cuchara*

Rembe servilleta - *labios caídos igual una servilleta*

ropepi frasada - *parpagos de frazada - ojos pesados*

Puru'á kantado - *ombigo condado*

resa tapiá kuára - *ojos grandes parecidos a una "fresta"*

Tororé roré

Tororé mi niño

Tororé roré

Kure'i cuarto kué - *cuarto de cerdito - coixa de porquinho*

Tororé roré

Leidy vem do interior do Paraguai para estudar na Unila sua língua materna é o espanhol e é o guarani, canta baixinho¹⁵ e depois, ao terminar de gravar, em ritmo de um Rap, bem forte e alto apenas o refrão- Tororé roré..., tudo na hora tinha sentido de brincadeira; porém olhando agora que se passaram cinco anos é outro o modo de ver; pois se manteve o contato que virou amizade e ao final do curso ela defendeu uma comarca Guarani para Letras; e dizem que a canção de cuna é apenas para adormecer a criança.

Na canção está implícito a importância de um idioma, da preservação da língua e do quanto é viva, dinâmica e traz dentro dela a cultura e saberes de

¹⁴ Aqui coloco a tradução conforme escreveu Leidy ao pedir a ela o significado, não é uma tradução literal, mas a que a canção traz a ela. Assim ao buscar em um dicionário palavras como pysape terá outra interpretação. Também não se encontra a letra completa, apenas o que ela cantou, porém nas referências poderá ter maiores informações em PERASSO, José Antonio.

¹⁵ Leidy Janina Recalde Godoy – **Torore rore** – VIDEO Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1g3y-UQBOxoJICacLOvHWnq8I-pNQfjjj/view?usp=sharing>

um povo; tudo isto também está subentendido no estudo de uma comarca¹⁶, sugestão que deixa Leidy Janina Recalde Godoy; para ser incorporado em um futuro ao curso de LAMC fazendo companhia as demais já existentes, andina, amazônica, platina e caribenha.

...“estas regiones pueden encabalar asimismo diversos países continuos o recortar dentro de ellos áreas con rasgos comunes establecidos así en un mapa cuyas fronteras no se ajustan a las de los países independientes.” (RAMA, 2008, p. 48 Apud GODOY, 2017, p.24).

Assim faz Leidy em seu trabalho um recorrido bibliográfico e etnográfico pelas representações literárias, orais e artísticas culturais ao longo do curso do Rio Paraná e seus afluentes demarcadas, neste caso, pelo uso da língua guarani em suas manifestações.

De esta manera se da a entender que las comarcas culturales presentan características comunes entre el hombre y el espacio que es habitado, teniendo en cuenta que estas comarcas culturales van más allá de los estados nacionales pasando a formar un segundo mapa latinoamericano. En este sentido se busca establecer peculiaridades que representen una Comarca cultural guaraní, aún ausente en este segundo mapa latinoamericano. (GODOY, 2017, p.24-25)

Agora ao rever a canção e juntas traduzindo seu significado Leidy vai dando-se conta do quanto a canção atravessa a música e o enredo do filme - *El niño Pez*, pensa ser esta uma cantiga entoada por uma niñera que vai embalando um filho que não é seu e trazendo para música os objetos que vê ao seu redor, canta para adormecer a criança, canta para acalmar a angústia de não ter a certeza a que mundo pertence, uma mestiçagem que lhe atravessa, filha de dois idiomas, ambos soam como maternos. Um só cordão umbilical... Onde DURAN (1989, p.174) citando a Paz, escreve sobre este questionamento que se fazem os poetas sobre o ser e estar no mundo, entre poesia e realidade:

“Vida y muerte no son mundos contrarios, somos un solo tallo con dos flores gemelas (El cántaro roto¹⁷).”

¹⁶ COMARCA GUARANI: LITERATURA Y CULTURA LEIDY JANINA RECALDE GODOY. (2017) Disponível em <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3638/TCC%20BIBLIOTECA%20UNILA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 12 de setembro de 2019.

¹⁷ Citação em: Duran Renata. Lectura poética de Libertad bajo Palabra. In: América: Cahiers du CRICCAL, n°6, 1989. Poésie hispanoaméricaine contemporaine: Vicente Huidobro et Octavio Paz. pp. 173-179;

Acalantos, Torore rore, arrorros são tão ingênuos, inocentes crianças estas para quem se canta; porém estão morrendo ou se deixando desaparecer estas canções de embalar. *Sussurros...*

Assim vida e território são inseparáveis, uma vez que para o indígena guarani a noção de território é envolta por uma visão holística; não podem aceitar qualquer território como TEKOHÁ. De um filho guarani não se consegue arrancar o seu “ser guarani”, jamais vai ser um híbrido; um guarani nunca vai deixar de ser guarani.

Diz-se que “cultura é o que permanece no homem, quando ele de tudo se esquecer” (LEETRA- Indígena, 2014, p.29)

Tempos assustadores, mas também de oportunidades, pois contam os que da oralidade fazem seu maior saber... que *do caos nasce o lótus*¹⁸; esperança que renasce com os séculos do tempo e os ciclos das estações e das Luas. Sopros de vida, acalantos.

Gritos ou sussurros?

disponível em https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1989_num_6_1_956 acesso em 12 de outubro de 2019.

¹⁸Explicação Disponível em <http://www.tudoporemail.com.br/content.aspx?emailid=6782> acesso em 02 de outubro de 2019.

Flor de Lótus. Disponível em <https://www.revistapazes.com/flordelotus/> acesso em 02 de outubro de 2019.

CAPÍTULO II

ACALANTO - UM CANTO QUALQUER

“Em tempos de recrudescimentos ufanistas e pátrio todos insanos, o texto [‘As canções emigram’] de Mario de Andrade nos recorda que nossos corpos e nossas vozes não cessam de ecoar canções alheias; de que a língua e a música não nos são próprios, de que somos todos migrantes. O povo é ingenuamente Internacional.” (M. Barbeau)¹⁹

Bicho Papão tem Gênero? É o Caos.

Parece mais fácil acreditar em bicho papão do que na escravidão. Hoje em pleno séc. XXI presenciamos o comércio e tráfico de pessoas, prostituição e pedofilia, pobreza, miséria, fome, feminicídios, matança por terras e corpos, devastação da natureza, tragédias ambientais, intolerância. A naturalização de uma realidade que não é vista, melhor encontrar o alento no que não é óbvio e que apesar de sabermos não existir, assusta mais que a incontestável e absurda cena diária que nos é apresentada pela mídia, som e imagem que apesar de estar ali, já não comove, virou trivial, normal; estamos “adormecidos” como quando para nós cantarolavam: Bicho papão, sai de cima do telhado... Quem são os monstros de hoje?

É mais fácil não acreditar em monstros, vamos dormir sossegados, lá fora o vento frio corta o corpo de alguém desabrigado, um homem mata aquela que o amou intensamente, uma criança chora de fome, uma mãe paupérrima está parindo seu sétimo filho, um pai vende sua filha, alguém escraviza a um outro, muitos buscam abrigo em terras distantes da sua, sem origem, sem registro; são milhares os que são apenas “bichos papão”; será que dão medo a quem dorme

¹⁹“As canções emigram”. Disponível em <https://subspeciealteritatis.wordpress.com/2018/12/11/as-cancoes-emigram-mario-de-andrade/> acesso em 30 de outubro de 2019

satisfeito em suas quentes camas, dentro de mansões protegidas por eles...os bicho papão; todos controlados.

Quem vai mudar essa cantiga? Quando terão esses “bichos” controlados seus direitos negados? Educação de qualidade, moradia, alimentação digna, saúde, trabalho remunerado, condições iguais às daquele que acalentado ao acordar não vê a dura realidade daqueles que não dormem embalados por sonhos. Tempos assustadores!

*Vai-te papão
Vai-te embora do telhado
Deixa o menino
Dormir sossegado
Ou
Bicho papão sai de cima do telhado
Deixa (nome da criança)
Dormir sossegado*

Diante da possibilidade do medo, o melhor é dormir, ainda que nada sossegado.

Em um tempo onde a morte nos espreita a “cada esquina” mudar para um novo tempo onde a vida plena nos espera é transcender de uma sociedade patriarcal moldada com parâmetros de evoluir a qualquer custo, progresso, modernidade e devastação, totalmente racional, para uma sociedade onde o amor, o espiritual e a ligação com a terra e todos que nela habitam seja o valor fundamental; sociedade não patriarcal. Sem polos.

Talvez matriarcal-patriarcal e/ou patriarcal-matriarcal, onde impere o amor à madre Terra, a Gaia que nos sustenta, abriga, acolhe... uma (re) volta, nas Américas, a 1492? E se Colombo não tivesse aqui chegado... Estaríamos na Abya Yala, Bom Vivir...?

Desde la Antigüedad, el monstruo es un ser que forma parte de la naturaleza con el mismo derecho que cualquier otro, si bien contradice el orden habitual, llama la atención sobre su propia forma o función para cumplir un mandato divino. La palabra monstruo procede del verbo latino moneo, -ere, que significa ‘avisar’, ‘mostrar’, ‘hacer pensar’. Para eso precisamente existen los monstruos, se creía hasta bien entrada la Edad

Moderna. No se consideraban pura fantasía, todo lo más una especie de juego; «la naturaleza se divierte»...

Desde seres mitológicos a personas deformes, pasando por plantas y animales que presentan algún tipo de anormalidad, real o fabulosa. En Europa, hasta el siglo xvii, el monstruo ha sido considerado un prodigio, una señal, un anuncio casi siempre de tipo apocalíptico, usado con fines religiosos y políticos.

Si en la Edad Media y el siglo xvi los monstruos habitan sobre todo el mundo exterior, territorios lejanos entrevistados a través de viajeros y conquistadores, en el siglo xvii el monstruo se vuelve algo casero, cercano, casi familiar. (CRIADO, 2019, p.5)

Bem e mal, Deus e o Diabo. E agora? Civilização ou Barbárie?

Modernidade, progresso, desenvolvimento... Ordem ou Caos? Tem como escolher entre o céu a terra? Vida ou morte? Frio ou quente, sol ou chuva? Não existe a *temp-erança*, o morno, o entre- lugar; passado ou futuro; onde fica o Presente? Mito ou Realidade? Medo!!!

Mas como dizem, não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe. “*En el principio, las personas rezaban a la Creadora de Vida, al Ama del Cielo. En los albores de la religión. Dios era mujer. Lo recuerdan?*”, pergunta Merlin Stone (1997, p.175), escritora, pesquisadora, em seu livro *Cuando Dios era Mujer*, onde analisa a possibilidade da existência na antiguidade de sociedades matriarcais, prósperas e pacíficas, que adoravam a uma Deusa, mulher. Stone faz um recorrido histórico e arqueológico e revela o poder destas mulheres e do mito fundacional de Eva, onde a mulher deixa de ser vista como deusa e passa a um regime patriarcal, onde reina o pecado. Realidades, religiosidades.

Silvia Federici (2017), em *Calibã e a bruxa*, trata sobre esta questão histórica, a execução de corpos femininos não só em fogueiras, mas em suas subjetividades, a queima às “bruxas” e o surgimento de transformações sociais que acompanham o capitalismo a partir de um ponto de vista feminista.

O preço da resistência era, sempre, o extermínio... A definição das mulheres como seres demoníacos e as práticas atroz e humilhantes a que muitas delas foram submetidas deixaram marcas indeléveis em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades. De todos os pontos de vista - social, econômico, cultural, político -, a caça às bruxas foi um momento decisivo na vida das mulheres; foi o equivalente a derrota histórica a que alude Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884) como causa do desmoronamento do mundo matriarcal, visto que a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista, assim como a condição necessária para sua resistência na luta contra o feudalismo. A partir desta derrota, surgiu um novo modelo de

feminilidade: a mulher esposa ideal - passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. (Federici, 2017, p.204-5)

Domesticadas, puro instinto materno, cantam sobre os papões, esses bichos caseiros... naturalizam padrões, justificando valores que tomam conta do corpo e da alma, embalam além mar os sonhos dos pequenos filhos e filhas da Pátria, dos meninos e meninas a quem adormeciam com cânticos religiosos; espantando o *diablo* que neste caso era negro, índio, esse outro estranho, o selvagem... Boi da cara preta, Tutu Marambá...

Y más cruel que maltratar a un niño quizás es amedrentar a un bebé como algunas canciones de cuna y arrullo hacen, de manera inconsciente, pero amenazan con el coco o el coyote, la loba o el nahual, según el lugar geográfico donde se entone; eso sí, el sentido aparente es el mismo: provocar miedo y hacer que el bebé duerma. El diablo o el demonio, Lucifer o Satanás, el bu, el hombre del saco, ogros, brujas, el duende, ánimas, la mano negra, el papao, el moro o el judío, etc. Hay infinidad de personajes "asustaniños", en el folclore oral tradicional, en cuentos, leyendas y canciones populares a ambas márgenes del Atlántico. (Fernández, Poncela, 2005, p.62)

De acordo com Fernández, Poncela (2005) o uso do temor sobre as crianças para se fazer obedecer é algo constante, ocorre também na relação homem-mulher, traz uma mensagem hegemônica, "en ambos casos, de los que tienen más poder hacia los que tienen menos... así hay una suerte de convencimiento del papel que deben ejercer los primeros, y de convencimiento y/o reconocimiento en el caso de los y las segundas."(p.67)

A incerteza do moderno, a cultura do esquecimento do que era antigo e imóvel rechaçado pela ideia do novo. Sem respeitar o próprio passado se vê como superior e avançado em relação a outras formas de vida consideradas inferiores, imaturas, subdesenvolvidas. E todos estes passam a pertencer assim a uma mesma categoria, minimizando a liberdade de imaginação e expressão do ser individual. Bicho papão, Cuca, Boi da cara preta, monstros que estão nos contos e cantigas que embalam e adormecem as crianças... que crescem e descobrem que sim, eles existem na vida real; estão por toda parte se manifestando através de práticas nem sempre explícitas, nos "ismos" sociais, nas formas de escravidão

moderna, na falta de respeito aos direitos humanos, em tantas mazelas que assolam a vida moderna... que afrontam o próprio tempo da infância.

Segundo Grosfoguel (2010, p. 36) o conceito de colonialidade não é outra coisa que identificar as relações de poder à escala global que nascem da expansão do colonialismo, e se internalizam na subjetividade dos indivíduos, em seus corpos, estruturas sociais, instituições e mesmo eliminando-se o controle administrativo múltiplo e hierárquico da Colônia, a colonialidade do poder não desaparece, se mantém intacta.

...O medo da morte (perdas despedidas, separações), presente nos cuidados maternos, paternos e de outros adultos com as crianças pequenas, especialmente com os recém-nascidos, penetra as canções de ninar em diferentes culturas, expressando-se em vários elementos, inclusive em figuras de terror... O traço de terror, geralmente compreendido como medida disciplinar para o sono, aparece acentuado nas canções também porque se origina em um ambiente colonial, escravocrata, contaminado por ameaças e hostilidades. Junto a vestígios de horror aparecem também traços de resistência e preservação cultural das etnias indígenas e negras; como se as canções de ninar fossem veículos propícios ao transporte resguardado de elementos fundamentais da cultura dos grupos humanos colonizados ou escravizados. (MACHADO, Sílvia, 2012, p.7)

Na canção de ninar a dualidade do amor maternal, carinho e ameaça, realidade e fantasia, céu e terra; vida e morte... ao mesmo tempo mostra-se amorosa e dominadora, suavemente avisa - não se rebele, te olho, te cuido. Vem atravessada de religiosidade... Uma dualidade que se constitui às vezes rota, quebrada, mal colada; entre a violência e ternura, amor e medo.

Juan Rof Carballo, médico, destacado pela sua obra dentro da psicossomática “Violência e Ternura” (1967) (*apud* Consuelo Martínez Priego (2011), fala sobre a importância de se ter essa relação inicial, a simbiose entre mãe e filho recém nascido, constituinte do ser humano , a “urdimbre afectiva”, influências que se estabelecem entre a criança e seus tutores-cuidadores na fase inicial de sua existência terrena. Afeto materno-parental.

Baseada também nos escritos de Rof Carballo, a psicóloga María Enríquez Fernández escreve sobre arquétipos e a urdimbre constitutiva²⁰: “Todas

²⁰El arquetipo materno, la urdimbre constitutiva y la reprogresión. Disponível em http://mariapazenriquez.blogspot.com/2013/12/el-arquetipo-materno-la-urdimbre_1333.html acesso em 06 de novembro de 2019.

las culturas primitivas han rendido culto a la Gran Madre, concebida como un principio femenino, donadora de vida, otorgada de amor y de la plenitud de la existencia, y dotada de la sabiduría y conocimiento supremos.” (2013)

Este centro cuidador que dá a força para suportar as dores e adversidades próprias da vida, os temores e os medos; clamamos nestes momentos aludindo, chamando, sussurrando a palavra singela, *mãe*, que pode ser então manifesta nas muitas versões que a ela foi dada através das religiões, esse re-ligare do qual trata Carballo

La existencia humana no solamente está arrojada entre las cosas, sino religada por su raíz. La religación –religatum es se, religio, religión en su sentido primario– es una dimensión formalmente constitutiva de la existencia. Por tanto, la religación o religión no es algo que simplemente se tiene o no se tiene. El hombre no tiene religión, sino que, *velis nolis*, consiste en religación o religión. El hombre necesita estar religado, vinculado a un grupo (Rof Carballo, 1952a, p. 41 apud Priego, 2011, p.44).

Assim que, venha mãezinha do céu, venha nos velar o sono.

Velo, deixar só, o eu só, o que canta é deixado só pelo outro que dorme e neste instante se dá a passagem entre o limiar do ser e estar; nascer e morrer para o outro, desaparecer no outro; um Eu que canta acordado; vela o adulto a criança que um dia foi; abandona-se a este vazio no tempo que preenche com o som, o sussurro de palavras curtas, ritmo pausado que harmoniza com o som das batidas do seu coração, agora um pulso sereno, quase também adormece escutando os entre-silêncios que se dão em seu balbuciar; a-dor-me (ce).

Mãezinha do céu

*Mãezinha do céu, eu não sei rezar;
Eu só sei dizer: "Quero te amar"
Azul é teu manto, branco é teu véu
Mãezinha, eu quero te ver lá no céu (2x)*

*Mãezinha do céu, Mãe do puro amor,
Jesus é teu filho,
E eu também sou
Azul é teu manto, branco é teu véu
Mãezinha, eu quero te ver lá no céu (2x)*

*Mãezinha do céu, vou te consagrar
A minha inocência, guarda-a sem cessar.*

*Azul é teu manto, branco é teu véu
Mãezinha, eu quero te ver lá no céu (2x)*

*Mãezinha do céu, em tua proteção
Oh, guarda meus pais e a todos os meus irmãos!
Azul é teu manto, branco é teu véu
Mãezinha, eu quero te ver lá no céu (2x)*

*Mãezinha do céu, eu não sei rezar;
Eu só sei dizer: "Quero te amar"
Azul é teu manto, branco é teu véu
Mãezinha, eu quero te ver lá no céu*

Mãezinha, eu quero te ver lá no céu

Elisane com sua voz suavemente divina eleva e dá o tom²¹, nasceu para cantar, *mãezinha do céu* foi a canção de ninar com a qual me presenteou, para ela cantar é quase como uma primeira língua, é tão natural quanto o falar, bem por isso acredito que tenha iniciado o projeto de ensinar violão as crianças da sua comunidade na cidade de Medianeira²² (Nossa Senhora) de onde vinha ela a cada manhã para na Unila reforçar seu talento; projeto SOMnhar.

Projeto SOMnhar - Dê Asas ao seu Talento.

Somos todos passarinhos, que temos asas pra voar, mas muitas vezes há gaiolas, talvez mais conhecidas como: Vergonha, medo, insegurança, falta de incentivo, falta de tempo, falta de oportunidade, que infelizmente aprisionam grandes sonhos e talentos.

Foi com o objetivo de dar asas a esses talentos que nasceu o projeto SOMnhar, uma pequena sementinha que passou a ser semeada aos poucos, mas que hoje já tem o privilégio de admirar suas flores.

O projeto tem como objetivo principal democratizar o acesso às atividades artísticas, sobretudo, o aprendizado musical para que todos possam ter a oportunidade de aprender a tocar um instrumento. Para além de ensinar violão, o projeto SOMnhar apresenta um diferencial que consiste na realização da Mediação Cultural por meio das Artes.

A arte é um meio privilegiado para o encontro intercultural, pois favorece a diversidade e permite o intercâmbio entre culturas, além disso, contribui para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Assim, em nossos encontros musicais são também realizadas atividades lúdicas que buscam o aprendizado sobre outras culturas, que promovam a integração, respeito e alteridade.

É por meio dessa integração do aprendizado do instrumento musical com a mediação cultural que o projeto SOMnhar tem o propósito de abrir

²¹ Elisane Andressa Kaiser da Silva – **Mãezinha do céu** - VIDEO. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10kob3Rs0gioPAnLwHzf1A698YgNneKXw/view?usp=sharing>

²² Medianeira significa 'Mediadora, aquela que faz a mediação; que está no meio, entre Deus e os homens'. A devoção a Nossa Senhora Medianeira vem desde os primórdios do cristianismo. É também a padroeira do Estado do Rio Grande do Sul de onde viemos ambas. Sincronicidades.

caminhos, ampliar os horizontes, encorajar o voo, inspirar, incentivar a música, à cultura e à arte de nossa cidade. Compartilhar é a palavra que melhor nos representa, pois juntos compartilhamos músicas, sorrisos, histórias, amizades e muito aprendizado, buscando sempre aprender com o outro.

Arte é “Sentipensar”, é liberdade, conhecimento, resistência, revolução e integração! Liberte-se das gaiolas que te aprisionam e deixe seu talento voar, verás que na música sua liberdade irá encontrar.

Seguimos juntos em constante aprendizado... Seja você também um SOMnhador!²³

Termina a descrição do projeto com um incentivo: *Seja você também um SOMnhador!* Elisane Andressa Kaiser da Silva chegou menina, a mais jovem de todas nós, do grupo que entrevistei para esta etnografia em 2014 e que se transformou então nas amigas, companheiras, irmãs... *as Imbatíveis*.

Assim também cresceu e gerou frutos seu trabalho, e *Cantando Histórias*, seu segundo projeto nasceu ao longo da graduação e se fortalece no mestrado de Literatura Comparada, encanta crianças com seu contar-cantar, histórias e canções que se mesclam, seu slogan é semeando histórias e músicas com alegria e diversão; seu trabalho de conclusão de curso (TCC) na graduação de Letras-Artes e Mediação Cultural versa sobre “Mediação Cultural: literatura infantil e música a interculturalidade através da Contação de Histórias nas Escolas”²⁴. No mestrado em Literatura Comparada, segue pesquisando sobre mediação de leitura literária, confecciona livros e adapta as histórias infantis com músicas e paródias para as apresentações. Conta através de novas perspectivas a história do Chapeuzinho, buscando tornar visível a voz das culturas silenciadas. A história do Chapeuzinho, agora verde, fala de uma outra cosmovisão que conheceu através da escritora indígena Maria Lucia Takua, “Indiazinha Chapeuzinho Verde”. Ela faz agora parte do seu repertório de histórias; interculturalidade, mediação, outra escola. Prática.

Aqui chegamos ambas católicas, branquíssimas, filhas do sistema patriarcal, (des)obedientes professoras; que na essência traziam e seguem

²³ Projeto SOMnhar - Mediação Cultural por meio das Artes In: https://www.facebook.com/pg/somnhadores/about/?ref=page_internal acesso em 26 de outubro de 2019. (Em 27 de novembro Elisane me passou a versão atualizada da descrição do seu projeto SOMnhar)

²⁴ Mediação Cultural: Literatura Infantil e Música: A Interculturalidade Através da Contação de Histórias nas Escolas.2017.Disponível em <http://dspace.unila.edu.br/123456789/3207> acesso em 27 de outubro de 2019.

encampando os sonhos de transformação, de busca por um mundo melhor através da educação. ALICES.

Paradoxos do sentido, non sense, caos-cosmos; disso trata Deleuze (1974) no “Prólogo de Lewis Carroll aos Estóicos”. Constelações-problema e os acontecimentos puros. Bom senso.

Quando digo "Alice cresce", quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas, é ao mesmo tempo que ela se *torna* um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos faremos menores do que nos tomamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo. (Deleuze, 1974, Prólogo)

Assim esses cantares que trazem neles este acordado-adormecido; e ao adormecer sonhar acordado, fluxo de palavras que em um ritmo lento aquecem e entorpecem, conseguem dessa forma voltar e permanecer no tempo, e ir além do seu tempo... emigram entre tempos, corpos, almas, territórios, saberes sem origem ou localização geográfica... Nada político, nada social, apenas cósmicos. Um verdadeiro Caos-utópico. E como já dizia Galeano²⁵, aquele das veias abertas... a utopia serve para que se caminhe; caminhar mesmo que não se saiba qual é o caminhos certo; um tanto perdida como a Alice, que corre atrás do coelho do Tempo.

Elisane se tornou uma filha de coração, estamos de alguma forma ligadas pelo amor por educar aos pequenos, um encontro intercultural, pluri-versal, serendipidade.

Mãe Pátria, Pátria Mãe; Mãe Terra, Pátria é Terra, território. Então mãe é terra ou território?

Ora se sai do caos para construir um território, ou seja, um agenciamento territorial:

²⁵ Ventana sobre la utopia do livro Las Palabras Andantes, p.230. Disponível em <https://static.telesurty.net/filesOnRFS/news/2015/04/13/laspalabrasandantes.pdf> acesso em 2 de novembro de 2019.

“Uma criança no escuro tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando [...] Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos” (DELEUZE & GUATTARI, Mil Platôs 4) ²⁶

Pensando: e como já disse- me embalo...

Com que canções de ninar estamos embalando nossas crianças?

²⁶ Disponível em <https://razaoinadequada.com/2017/03/12/deleuze-ritornelo-e-o-jazz/> acesso em 30 de novembro de 2019.

CAPÍTULO III

A-VOS - Homenagem aos ancestrós

Anna Poncela (2005, p.11) diz que a música e as canções nos acompanham “*desde la cuna a la sepultura*” e que são tão antigas quanto a humanidade; não conseguimos precisar sua origem.

Muito antes de aqui chegarmos; ainda no ventre materno, as canções e vozes que escutaram nossas mães, escutamós também nós.

Já nascemos frutos das vozes que nos circundam, da língua materna, com seus sentidos, que não está apenas nas palavras, mas além delas.

Na representação da imagem, do pensar, do negar, nas subjetividades do ser, que atravessam os tempos...

[...] Houve um tempo em que o tempo não era sucessão e passagem, mas fluir contínuo de um presente fixo, no qual estavam contidos todos os tempos, o passado e o futuro. O homem separado dessa eternidade em que todos os tempos são um, caiu no tempo cronológico e se tornou prisioneiro do relógio, do calendário e da sucessão. Quando digo "neste instante", o instante já passou... O tempo mítico, ao contrário não é uma sucessão homogênea do tempo, mas está impregnado de todas as particularidades da nossa vida [...] (PAZ, 2014, p. 202)²⁷

O silêncio existe porque está dentro do tempo das palavras proferidas, ele vem depois do enunciado, mas está também contido no que não se consegue com palavras explicar; anuncia o fim de um dito e contém o não dito. Entre linhas, entre palavras, entre texto, entre vozes está o silêncio que fala.

É neste tempo calado que concentra-se o poder dos acalantos que atravessam a linha entre estar no presente e voltar ao tempo da palavra enunciada; é um andar entre dois tempos que não se encontram no aqui e agora mas permanecem na poesia entoada; como um grito no silêncio. Se existe o *não-lugar* (AUGÉ, Marc (2012) [1992])²⁸ seria este o *não-tempo*? O calar ativado

²⁷ PAZ, Octavio. O Labirinto da Solidão. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Disponível em http://anpap.org.br/anais/2018/content/PDF/27encontro_DINIZ_Auana_Lameiras.pdf

²⁸ NÃO-LUGARES DE MARC AUGÉ. Disponível em <https://globalherit.hypotheses.org/3883>

Não-lugares para se referir a lugares transitórios que não possuem significado suficiente para serem definidos como “um lugar”.

através do tempo (não-tempo), que permanece inerte e que descoberto traz o silenciado de outros tempos para aquele que quiser apreciar (escutar a voz). O não-tempo que se mantém neste tempo não cronológico, linear, é um passar cíclico; mítico, um eterno *re-nascer* no tempo. Momento onde o sentimento de finitude se torna quase tocável, uma situação extrema que nos aproxima do limite entre vida e morte; o não-lugar dentro de um não-tempo onde o corpo vaga em um vazio de existência local-temporal, podem ser segundos que ficarão registrados como eternidade. Memória emocional.

Sem corpos para enterrar!

Muito se tem falado de corpos como lugar político, como lugar de fala, como reflexão e desconstrução através do “empoderamento” dos corpos, mas e a voz?

E essa voz tão calada e silenciada, invisibilizada. Quem tem dado a ela, a oralidade dos cantos ancestrais; um lugar?

Às vezes estes ditos tem de ser repetidos inúmeras vezes e de formas e interpretações diversas para que se possa “ver o não visto”, escutar o inaudível, que teima em permanecer neste tempo/não tempo, que flui como as águas de um rio, ou está estanque em algum lugar no passado.

Fronteiras ou Limiar? Um pensar que nos transporte para outras temporalidades onde o impensável conversa com nossos saberes interiores, com nossa subjetividade e faz a mediação entre o passado e o hoje; na quietude encontre a voz calada. Ilusão? Imaginação? Exploração? “...o limiar não faz só separar dois territórios (como a fronteira) , mas permite a transição, de duração variável, entre dois territórios. Ele pertence a ordem do espaço, mas também essencialmente , à do tempo.” (Gagnebin, 2014, p. 36)

Pensando a fronteira como uma barreira, trânsito interrompido; seria assim necessário esta brecha, permissão de passagem que nos proporciona o limiar; um passaporte que irá permitir esse contato com o diferente. É no limiar que se encontra o descobrir da fala deste Outro silenciado; neste atravessar as fronteiras temporais, locais e agora corporais; é então dado corpo a esta fala.

Aquela música que quando toca faz vibrar memórias e corpos. O toar dos tambores, o fluir dos instrumentos de vento, o grito da luta vibrando nos corpos, nos campos; os sons da natureza, da floresta, dos pássaros, das águas, do fogo, da terra. Tantos sons que foram sendo suprimidos, apagados por novos

surgidos com a modernidade, o avião, o bate estaca, a construção, a via rápida, a torneira, o pingo, a descarga e tantos outros.

Sons que necessários se tornaram e fazem parte hoje do corpo sonoro do bebê que nasce já em meio a este turbilhão, progresso que lhe atravessa; será que quem canta para ele adormecer ainda é uma voz familiar ou dorme ao som dos muitos aparelhos que falam por nós; o rádio, a televisão, o computador; nada mais natural.

Como também nada natural era ter o ninar realizado por aquela mulher escrava, ama de leite, babá, cuidadora não eletrônica, dos idos tempos do “passado escravocrata”.

Assim busco nas memórias auditivas destas canções retratar a violência explícita ou implícita que trazem as suas letras e melodias. Sons que atravessam os tempos e no presente ainda soam. Um manter na escuta os corpos agora “livres”, presos desde o nascer com acalantos da memória passada; sim, eles seguem tocando nas novas formas de audição que propagam com velocidades e dimensões maiores geograficamente os mesmos tons outrora escutados. As canções nas mais variadas culturas e etnias por séculos cantadas por pais, avós, cuidadores, serventas, aias, escravas... com a intenção de fazer dormir a criança, o bebê acalmar. A quem?

Cantava a mãe negra ao filho da “patroa”, do patrão...

...entre la “madre” y la niñera. Las prácticas “de larga duración histórica” Incluyeron, durante la Colonia y hasta la segunda mitad del siglo XIX , los servicios de las amas-de-leche, en lo que Suely Gomes Costa denomina “maternidad transferida” – que estuvieron “presentes en la vida social desde los primeros días de la colonia” y que a partir del siglos XIX fueron restringiéndose lentamente hasta llegar a las amas-secas o “niñeras. (SEGATO, 2013, p.182)

Rita Segato traz a questão do mito da divisão das águas da cultura Yoruba que explica sobre duas mães, Iemanjá e Oxum, as duas mães das águas, a salgada e a doce, e sua importância para vida, a diferença do vínculo de cada uma, as diferentes atribuições e posicionamentos. *“La divergencia histórica y sociológica entre la madre blanca de la casa Grande y la niñera negra, nodriza de los hijos blancos y legítimos.”* (SEGATO, 2013, 187)

Aqui se encontra o mito Yoruba, neste ambiente que revela a diferença entre criar e parir filhos, esta relação entre Iemanjá, a mãe das águas salgadas;

descrita como fria e distante, hierárquica, convencional e por vezes indiferente em contraposição a mãe Oxum, das águas doces, a “*madre criadora*”, a “*madre adoptiva*”. Que traz para a consciência a traição histórica do Atlântico, “*al traer los esclavos para el Nuevo Mundo y interponer definitivamente su insuperable distancia com África.*”

O cantar, o silêncio, o silenciar; Obedi (traição) e Ossatunukó (falsidade) duas posições segundo Iemanjá: *vemos la superficie pero no vemos el fondo.....*

“*La madre legítima. Mater y genetrix en oposición a la madre que cría, propaga las heridas de ese medio falso, traicionero y, por sobre todo, injusto. El mito es una página de historia social... O registro simbólico de una habla blanca y una habla negra*” (SEGATO, 2013, p.187-190).

Colonizam, resistem, insistem? Cantam histórias, perpetuam tradições, preservam saberes, memórias; de uma terra sofrida, em suas entranhas mexida, tocada, ferida; de povos invisibilizados, colonizados, escravizados, subjugados, negados em sua realidade social, linguística e cultural. Cantar perpetua sua existência, solta a voz calada, conecta tempos, invade mentes e corações.

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista, e esperança de consumação do outro; inferioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo, o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências. (ZUMTHOR, 1997, p. 14-15)

Grosfoguel (2010, p.16) nos apresenta o sistema mundo, capitalista, colonial, moderno, ocidental, cristão, patriarcal; que explora terra, homem e natureza; que inventa o racismo para poder melhor oprimir aos homens não brancos, usa do racismo para dominar índios, negros, mestiços... mulheres. Mulheres e Terra, tornando-as território, propriedade.

E o negro é trazido escravo para esta América, latina. Depois de terras e mares agora a conquista de plantas, animais e corpos. A invisibilidade da crueldade, barbárie, a violência irracional da escravidão como instituição aceita e justificada; “mito sacrificial” (DUSSEL, 1993, p.153).

1492, según nuestra tesis central, es la fecha del “nacimiento” de la Modernidad; aunque su gestación como el feto lleve un tiempo de crecimiento intrauterino. La Modernidad se originó en las ciudades

européas medievales, libres, centros de enorme creatividad. Pero “nació” cuando Europa pudo confrontarse con “el Otro” y controlarlo, vencerlo, violentarlo; cuando pudo definirse como un “ego” descubridor, conquistador, colonizador de la alteridad constitutiva de la misma Modernidad. De todas maneras, ese Otro no fue “descubierto” como Otro, sino que fue “en-cubierto” como “lo Mismo” que Europa ya era desde siempre. De manera que 1492 será el momento del “nacimiento” de la Modernidad como concepto, el momento concreto del “origen” de un “mito” de violencia sacrificial muy particular y, al mismo tiempo, un proceso de “en-cubrimiento” de lo no-europeo. (Dussel, 2008, p.9)

Coisificados, mercadorias, membros de raça alguma. O mapa da América se tinge de negro. Trans-terrados, resistem, criam uma nova cultura, sincrética.

Guardam em uma “caixinha” o cordão umbilical dos filhos nesta nova terra nascidos, com a esperança de um dia retornar a sua Terra mãe África para ali enterrá-lo; pois acreditam que é a Terra a mãe que nutre, mas a sua terra natal, não a estranha, estrangeira.²⁹ Terra e Mãe; união pelo cordão umbilical, ligação através de sons, experiência, formas diversas de sentir, que irão direcionado o ritmo da vida neste caminhar juntos homem e natureza; cordão agora “cortado”.

Ressignificando-se, misturando costumes dos colonizadores com personagens do folclore africano, assim introduzidos e perpetuando a cultura vão criando vínculos através da “mãe negra”, a ama de leite, que sustenta e faz adormecer aos filhos da casa grande com vozes da senzala. Personagens estes que passam a fazer parte das canções de ninar trazidas de suas terras pelos portugueses; saci Pererê, Tutu marambá, boi da cara preta, acalantos agora afro-brasileiros.

Então a mulher negra escravizada, explorada, muitas vezes violada; de corpo e alma cansada, embalava ao som do acalanto sua vida desolada, afeto protetor, força da terra mãe distante lembrada, adormecia assim a criança.

Duerme, duerme negrito

Víctor Jara

Duerme, duerme negrito

²⁹ Ver Dussel, 2008, nota de rodapé 17, p.138 Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20111218121312/10.epilog.pdf>

Que tu mama esta en el campo
 Negrito
 Duerme, duerme negrito
 Que tu mama esta en el campo
 Negrito
 Te va a traer codornices para ti
 Te va a traer muchas cosas para ti
 Te va a traer carne de cerdo para ti
 Te va a traer muchas cosas para ti
 Y si negro no se duerme
 Viene diablo blanco
 Y sale comen la patita
 Yakapumba Yakapumba
 Apumba Yakapumba Yakapumba Yakapumba
 Duerme, duerme negrito
 Que tu mama esta en el campo
 Negrito
 Duerme duerme negrito
 Que tu mama esta en el campo
 Negrito
 Trabajando
 Trabajando duramente
 Trabajando, si
 Trabajando y no le pagan
 Trabajando, si
 Trabajando y va cosiendo
 Trabajando, si
 Trabajando y...

Duerme negrito, uma música de cuna ou de protesto?

Não se sabe ao certo sua origem, a autoria é considerada anônima, porém certo é que Victor Jara, Mercedes Sosa, Don Atahualpa Yupanqui e muitos outros cantores, ativistas e contestadores em sua essência, a interpretaram.

Participaram na década de 60/70 de um movimento que perpassou vários países da América Latina, nomeado como Nova Canção, Canção Comprometida; entoavam canções de protesto contra o imperialismo, contra o capitalismo, promovendo a liberdade dos povos com temas sobre questões raciais, de exploração dos trabalhadores, de promoção da reforma agrária e união das raças latino-americanas. Assim que “Duerme, duerme negrito” faz parte do cancionário desta onda revolucionária, ativista de resgate pelo folclórico. E deixa seu anonimato ao ser resgatada por Atahualpa Yupanqui na fronteira entre Venezuela e a Colômbia.

“Duerme Negrito” é uma canção que foi interpretada na Argentina por Atahualpa Yupanqui e Mercedes Sosa, no Chile por Víctor Jara e pelo conjunto Quilapayún, no Uruguai por Alfredo Zitarrosa e Daniel Viglietti, entre outras gravações, mais recentes, que localizamos. Atahualpa Yupanqui narrou ter coletado a canção, que classifica como “tradicional”, na região entre a Colômbia e Venezuela no Caribe, cantada por uma mulher negra. Essa canção por vezes é atribuída a Bola de Nieve (o cubano Ignacio Jacinto Villa Fernández) e ou ao também cubano Eliseo Grenet Sánchez (BOTELHO, 2015). A letra da canção aborda a escravidão ou semi-escravidão dos descendentes africanos, e é uma canção de ninar que alguém canta para a criança dormir. No início da canção, o trabalho da mãe, e sua ausência para a criança, são amenizados pelas promessas que o trabalho dela irá trazer: frutas, codornas, carne de porco. No entanto, aos poucos a realidade se desenha: o “diabo” que ameaça a criança é o homem branco - e aqui a desumanização da criança negra sob a violência da exploração (que corre o risco de que se “le coman a patita”), que é respondida chamando o branco de “diabo”, é evidenciada. E, mais ainda, a canção revela o trabalho duro da mulher não é pago, ela trabalha doente, a repetição e o cansaço do trabalho cotidiano são evidenciados pela repetição constante de “trabajando, trabajando sí” (RIBEIRO et MESSINA, 2018, p.754)

Continua sendo uma canção que com suas inúmeras versões prevalece ao tempo e ao intérprete, assim como o ato de amamentar, o acalantar segue nas vozes íntimas, privadas; como o sussurrar de um segredo cantado, onde apenas a voz alcança o âmago, o adormecido.

E como todo “olvido” tem esta nana também outra história apresentada por Bello (2013) que diz *“nació impregnada de sangre afrocaribeño, tal vez en Cuba, tal vez hace algo menos de un siglo, titulada Drume Negrita, quería en sus orígenes hacer dormir a una niña negrita... a la ninã le prometía “imposibles inalcanzables”*. Sabe-se que canções de ninar “suelen” permanecer impregnadas na existência do ser e dessa maneira ousam passar de geração a geração; talvez não a mesma letra, talvez não mais o mesmo tom, certamente não será o mesmo

intérprete, no entanto permanece sua aura intocável, nesta canção fica a promessa de algo a ser um dia alcançado.

Assim que com letras totalmente distintas convivem ambas versões sem se saber o motivo da troca de gênero, Mercedes Sosa canta a ambas; reconhecendo tanto a Atahualpa com a recopilação de *duerme negrito* quanto a Bola de Nieve, negro e homossexual, o primeiro que canta *duerme, duerme negrita*, todxs abrindo as entranhas destes corpos: memórias coletivas. (BELLO, 2013)

Acredito que este acalanto que atravessou mares e conquistou popularidade traz também um grito, um sopro, que para quem o ouvido *outra*, atento se deixa escutar; vê aí as promessas de uma vida melhor, apesar do corpo escravizado, enfermo, no trabalho mal remunerado; pensa (sofre) como resistência, em vencer a dura saga que lhe impõe ser colonizada, submissa; quer vencer ao jugo imposto e não escolhido e sair desta feita verdadeiramente livre, para uma vida onde o deleite e a doçura que para a criança canta se torne realidade.

E segue-se cantando e acariciando os temores e injustiças que vão sendo levados como segredos, palavras de luta e resistência. Apontam ao “patrão” - el diablo blanco.

Desta forma apesar da modernidade e seu aparatos, dos anos que correm desde que se entoa “*duerme, duerme negrito, negrita*” se tornou atemporal; não por sua letra, mas, pela condição de afeto contido na canção de cuna, portanto não é o ato, mas sim as palavras que precisam ser renovadas para que se chegue a um balançar verdadeiramente libertador.

A escolha das canções aqui analisadas chegaram de maneira aleatória, sem um prévio pensar, não são anônimas, tem corpo e por esta razão tornam ainda mais difícil para mim esta parte do relato, pois nele estão contidos agora minhas memórias vividas com cada um que se dispôs em um momento que pouco ainda havíamos convivido, dar de maneira afetiva, um pedacinho de sua história de vida, a do início, a do princípio, como a relação de amizade que ali também começava; o presente: uma canção de ninar. Acalantos.

E ali naquela manhã fria de inverno vamos nos aquecendo, cantando; sem perceber que a cor da pele de quem canta esta ali incorporada; corpo e alma, talvez por isso cale profundamente no coração de quem escuta, pelo menos no

meu. *Duerme negrito* era a música da Livia³⁰, a canção sai espontaneamente desse corpo negro, de mulher, mãe, lutadora. Que chega da região do ABC, de Santo André, São Paulo. Filha de pais negros e ativistas sociais, a versão cantada por Livia se assemelha a esta de Víctor Jara, artista chileno assassinado pela ditadura de Augusto Pinochet, e cujas canções são de cunho social, de amor e protesto, críticas³¹ Como mais adiante vou descobrir são também os pais e a família Gomes Moreira de Livia, que fez seu TCC³² sobre uma cidade idealizada por seu pai com regras e geograficamente disposta a favor de todos, com iguais direitos e deveres.

Artigo 1º - para cada criança que nasce uma árvore será plantada, pois quando essa criança crescer saberá que a árvore tem a sua idade de vida. Assim como a planta necessita de terra, água e adubo, a criança tem direitos, família, casa, comida, escola, lazer, saúde. A cidade terá um conselho de crianças...

Acredito que seja ele, o afeto que temos com amigos, familiares, com quem nos é próximo ou que se aproxima através dele que fará a diferença para o reconhecimento necessário das *sutis* violências que estão arraigadas e perpetuadas no político, no social, no cultural das sociedades e Estados Nações; aí está este racismo que não é visto mas sentido por quem nasceu no *lado errado da história*. Qual história é válida? Quem conta, conta?

Oco é o espaço entre os tempos, os corpos... O vazio entre eles permite a continuidade de cada um, sem um fundir-se, é proximidade, mas não é pleno, há entre eles o espaço que aproxima, mescla, troca, acopla, mas não se dilui; permanece sendo música, memória, instrumento.

³⁰ Livia Gomes Moreira – **Duerme Negrito** – VIDEO. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1aboH7spl6rHZFI9ILZJvF2rEFXqRt25g/view?usp=sharing>

³¹ Víctor apoda o líder vietnamita Ho Chi Min, citando-o nominalmente em plena guerra fria na canción “El Derecho de Vivir en Paz“. Grava “Cruz de Luz”, de Daniel Viglietti, solidarizándose con el padre e guerrillero colombiano Camilo Torres. Monta un repertorio con canciones en homenaje a Pancho Villa, Che Guevara y Salvador Allende. Convierte en canción el poema de Neruda “Aquí me Quedo“: “Yo no quiero la Patria dividida / cabemos todos en la tierra mía/ yo me quedo a cantar con los obreros/ en esta nueva historia y geografía”. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/noticia/302862-11>

³² O presente trabalho faz um resgate histórico da vida de Eduardo José Moreira. Contaremos sua trajetória no período em que foi operário na região do grande ABC e em que participou do Grupo de Teatro Forja na década de 70, bem como sua participação nos movimentos sociais dentro da igreja, com a Teologia da Libertação, em plena Ditadura Civil Militar. Pretendemos então, entender esse processo de mediações entre arte e política para sua constituição enquanto cidadão, resultando na construção da obra “Cidade dos Sonhos”. <http://dspace.unila.edu.br/123456789/4962>

O peso nas costas da mulher negra escravizada talvez fosse maior do que o do homem negro escravizado, pois, a exploração não era só para os trabalhos braçais mas, muitas vezes sexualmente, fazendo-as forçadamente pôr no mundo seus filhos bastardos, herdeiros do algoz. Este corpo-ser feminino mais do que invadido, desgastado e ultrajado emocionalmente ainda encontrava afeto materno para cantar acalantos e embalar as crianças que chegavam aos seus cuidados. (GUERRA, Denise, 2010, p.3-4)

“Simbolizando a beleza do mais branco e puro amor, ò mãe preta és, com certeza, Nossa Senhora da Cor...” (J.G., Araújo Jorge, 1964, Cantiga de Só, Lembrança da mãe preta) ³³

Obviamente há outras razões para não quisermos aceitar a realidade que reconhecidamente nos precariza, castra, esteriliza, explora, marginaliza, superencarcera, genocida etc. O próprio horror da violência nos leva a esse anseio por nos autopreservar nem que seja pela negação de uma realidade perceptível a olhos nus. (DUARTE, 2018)

Neste corpo dormente; o canto de ninar induz ao torpor, é melódico e suave, é um som para embalar a alma do escravo moderno, este que está preso a saberes colonizados, a quem se dá uma forma de ver, ser e estar no mundo; que acredita que um só modo de pensar é considerado culto, de mercado; que está preso ao poder de uma educação academicista, que não considera saber o que é transmitido através da oralidade geracional, ancestral, no entanto é escravo das novas mídias. Valoriza a individualização em detrimento do coletivo; teme uma educação que *desate nós* que prendem os povos originários, da América e África, aos seus saberes práticos de vida, transmitidos por fazeres naturais.

O “Leite Sonoro” das mucamas negras nutriu, exorcizou medos, abrandou e criou este sujeito brejeiro, cheio de gingado, festivo, receptivo, afro-mestiço brasileiro. No mínimo o que o brasileiro deve a estes bens em forma de acalantos e suas benfeitoras negras é prestar-lhes homenagens, quem sabe “bater cabeça” para a grande mãe África que o embalou! Parafrazeando a Prof.^a Dr^a Conceição Evaristo: “Que estas cantigas não tenham servido só para embalar o sono dos senhores das casas-grandes, mas, para acordá-los dos seus sonos injustos!” (GUERRA, Denise, 2010)

³³ Politicamente participou sempre das lutas antifascistas, como democrata e socialista. Lutou, ainda estudante, contra o “Estado Novo”. Foi preso e perseguido várias vezes durante esse período. Deixou de ser orador de sua turma por estar detido na Vila Militar, sob as ordens do Gal. Newton Cavalcanti, durante todo “estado de guerra” de 1937. Foi conhecido como o Poeta do Povo e da Mocidade, pela sua mensagem social e política e por sua obra lírica, impregnada de romantismo moderno, mas às vezes, dramático. Foi um dos poetas mais lidos, e talvez por isto mesmo, o mais combatido do Brasil. Disponível em <http://www.jgaraujo.com.br> acesso em 26 de junho de 2019.

“La inconciencia es fecundada por la ignorancia y entre ambas paren y amamantan ese monstruo que es la violencia” (Pedagogia da Educação Popular, 2016, p.10)

Para isto serve *olhar* para estas cantigas de ninar, procurar ver o que nelas nos mantém escravos; não para mudá-las mas, sim com o intuito de abrir os ouvidos; escutar as vozes ancestrais, assim como se está fazendo com a história, que pouco a pouco se volta para aqueles considerados “não vencedores”, os que dela participaram como coadjuvantes, figurantes, nunca atores de sua própria história. Rever o que nas canções de ninar atravessam corpos e mentes e os mantém cativos a uma só forma de olhar este imenso mundo que nos rodeia.

...O escravo calou a fala
 Porque na úmida sala
 O fogo estava a apagar.
 E a escrava acabou o canto,
 P’rá não acordar com o pranto
 O seu filhinho a sonhar!³⁴

Filhos da resistência, crescem apesar do meio em que se encontram seus pais, prisioneiros de seu tempo, onde muitas vezes impera o medo; invisíveis crescem, apegados a ideias sopradas nos doces cantos das vozes que os acalentava, aquecidos e embalados pela violência, injustiça, dor e revolta sentida nos corpos que sobre-tudo vivem, e cantam. *“La consciencia es la facultad que nos permite comprender que la violencia contra cualquier ser vivo es suicida”* (Pedagogia da Educação Popular, 2016, p.10)

...O escravo então foi deitar-se,
 Pois tinha de levantar-se
 Bem antes do sol nascer,

³⁴ Castro Alves, 1847-1871- A Canção do Africano. Publicado no livro: A Cachoeira de Paulo Afonso: poema original brasileiro (1876) In: Castro Alves Obra Completa, org. Eugenio Gomes, Nova Aquilas, RJ, 1986.

E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.³⁵

Este corpo *dor*-mente que perde a ligação entre o que lhe atravessa, a essência, o natural, que apenas recebe, um ouvido que não mais escuta os sons da natureza ou que ao escutá-los não mais lhe penetra a alma; esta *a-dor*-mecido, em um sono profundo . Quem ou o que será capaz de *a-cor*-dar a este corpo?

³⁵ *ibidem*

CAPÍTULO IV

RIZOMA TEMPO DE RE – CREIO
Tempo Onírico

“... las canciones son lenguaje, conforman textos y contienen discursos, y como los relatos “comienzan con la historia misma de la humanidad”³⁶

Assim para pensar em mudanças acredito na que nasce rizomaticamente “silenciosa” e invisível através das crianças e suas cuidadoras, que cantando, sussurrando músicas de adormecer, acordam, e em um acordo tácito vão construindo novos tempos, que junto ao corpo frágil que trazem perto dos seus, embalam sonhos; neles não mais palavras de medo, intolerância, escravidão, racismo, sexismo.

Mas que, com o uso do poder de nomear e das palavras que soltas ao vento tem força, se cantarole liberdade, força, união, amor a natureza, ao outro que sou eu, que é você e que neste ritmo de acalanto se torna uno, universal, uma só batida marcada pela respiração e o tic tic tum de muitos corações sonhadores.

Perdida como sempre no eterno reino de Alice, não é utopia, é distopia, é nonsense, é rebeldia... agora *en (canto)*. Eles estão chegando... (R)evolução das crianças!

Somewhere over the rainbow

Way up high,

There's a land that I heard of

Once in a lullaby.

E.Y. Harburg³⁷

Em algum lugar além do arco-íris, bem lá em cima.
 Existe uma terra sobre a qual ouvi falar.

³⁶ (Barthes, 1997: 7 apud PONCELA, 2005, p. 194).

³⁷ Over The Rainbow (tradução) Judy Garland Compositor: Harold Arlen, E.Y. Harburg -1936-1949. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/judy-garland/over-the-rainbow-traducao.html> acesso em 13 de outubro de 2019.

Uma vez em uma canção de ninar... além do arco íris.

Paz, não-violência, sonhos de muitos, de poucos talvez; ou a conquista que se pensa alcançar nestes tempos em que o dinheiro é o Senhor, que está lá no pote dourado em lendas contadas, se encontra no fim do arco-íris, encantado. E agora? Novamente pergunto sonho ou realidade? A quem nesta dura dualidade se está tentando conter com cantos e contos há muitos e muitos anos *soprados*; lendas que na América eram o Potosí.

“A desobediência civil não é nosso problema. Nosso problema é a obediência civil. Nosso problema são as pessoas que obedecem aos ditames impostos pelos dirigentes de seus governos e que, portanto, apoiaram guerras. Milhões de pessoas foram mortas por causa dessa obediência. Nosso problema é a obediência das pessoas quando a pobreza, a fome, a estupidez, a guerra e a crueldade assolam o mundo. Nosso problema é que as pessoas sejam obedientes enquanto as prisões estão cheias de ladrõezinhos e que os grandes bandidos estão no comando do país. Esse é o nosso problema”, excerto de um discurso pronunciado em 1970, por ocasião de um debate sobre a desobediência civil, republicado em *Violence: The Crisis of American Confidence* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972 apud GROS, 2018, p.9).

Independência criolla, dos filhos dos conquistadores, nascidos na colônia, educados na metrópole; pés e coração no sul, olhos e mente no norte, entre emoção e razão, sem descolonização.

Colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza. E segue a Terra - Mãe dominada, abusada, violada e sempre explorada sob a mira do poder de quem detém nas mãos o direito constituído de ser o patrão, proprietário, governante, mandatário, capitalista, burguês... continua assim oprimindo, silenciando, subjugando, o camponês, marginal, favelado, animal; qualquer cor, mesma raça.

Mediadores da nova ordem neocolonial, capitalismo industrial; dependência global, levam “rio abaixo” os sonhos do projeto emancipador. Independência ou maior dependência? “...la lengua de la conquista fue también la de la contra conquista, y sin la lengua de la colonia no existiría la lengua de la independencia.” (FUENTES, 1993, p.31)

Pretender mudanças é pensar nas muitas línguas apagadas, silenciadas, é rever a terra que fala a língua de origem mas também adotou a outra – a língua da ocupação. Uma pátria, dois corações. Terra partida, mãe ferida.

Em 22 de agosto de 2004 Adriana Puiggrós, política, escritora, acadêmica, pedagoga argentina, com o pseudônimo Victoria Gaviria, apresenta ao “Prêmio Andrés Bello” o ENSAYO SOBRE ALTERNATIVAS para la integración de nuestra cultura.

No puede reducirse nuestra región a su territorio ni a sus lenguas principales. Aunque sostendré que es urgente habitar nuestras lenguas, creo que para que sea posible debemos atender la desigualdad social y económica creciente entre Europa y América Latina y el Caribe, que aleja las posibilidades de integración del área. Existen razones de largo plazo para que los países ibéricos, Latino-américa y el Caribe actúen cooperativamente. Esas razones importan más que los motivos que proporciona el neoliberalismo para su distanciamiento. (Puiggrós, 2004, p.5)

Limiar, esta passagem entre culturas que se vêem bilíngues, que usam e têm duas línguas, duas mães, dois lugares pátrios; o estar brasileiro, paraguaio, chileno, colombiano, boliviano, peruano, equatoriano... e o ser juruna, tupi, guarani, mapuche, quéchua, maya, aimara, e tantos e tantas outras línguas que sobrevivem a estes anos de *silêncio*; silêncio na história escrita, mas não na oral que continua através do canto, do mito, do conto fazendo a sua voz ser levada de geração a geração e que hoje se manifesta na poesia bilíngue como a guarani de Susy Delgado³⁸ e mapuche de Elicura Chihuailaf escritas em mapudungun³⁹ ou da também mapuche Graciela Huinao⁴⁰ e de muitos que surgem também nos livros escritos em português mas pensados em sua forma de ser do povo originário ao qual pertencem como na prosa infantil e adulta de Daniel Munduruku ou as ideias para adiar o fim do mundo de Ailton Krenak e por aí vão os lugares de enunciação re-criando o lugar de onde nunca partiram; o seu lugar agora de posse de saber dito letrado, usam da arma que lhes “conquistou”: invadem a palavra do Outro.

...Pero ahora necesitan aprender computación e inglés, pues no quieren seguir siendo folklóricos y marginados. Agregaron que la mejor manera

³⁸ Uma chama, uma língua, uma tradução: Seis poemas traduzidos do guarani ao português de Susy Delgado Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/viewFile/1833/1417> acesso em 9 de novembro de 2019.

³⁹ A poesia mapuche contemporânea como reflexo identitário e ferramenta de preservação do mapudungun-Leite, Patrícia de Moura. Disponível <https://dspace.unila.edu.br/123456789/714> acesso em 09 de novembro de 2019.

⁴⁰ Março das mulheres, a voz, o caminho e a poesia mapuche de Graciela Huinao. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/18/marco-das-mulheres-or-graciela-huinao-primeira-indigena-na-academia-chilena-de-letras/> acesso em 09 de novembro de 2019.

de conservar su lengua, sus rituales, sus creencias, es siendo ellos mismos protagonistas del proceso inevitable de articulación intercultural.(ibiden, p. 20)

Assim é como ter duas mães, ao nascer cantam para ela (a criança) em sua primeira língua, a materna, mas também em espanhol, em português a segunda mãe, a imposta. Uma mãe da resistência, a outra da sobrevivência. E como ela são - somos - muitos os que sussurram a língua materna que gerou e falam a outra, a língua que dá de comer, possibilita trabalho, está na escola, é a considerada culta; a da conquista que tudo mudou.

Qual delas é sustentável? Qual irá reverenciar, amparar, cuidar, amar em todos os sentidos sua mãe Terra, envelhecida? Qual agora trará a independência nestes tempos de tanta dependência?

Arrorró mi niño

Arrorró mi niño,
arrorró mi sol,
arrorró pedazo,
de mi corazón.

Este niño lindo
ya quiere dormir;
háganle la cuna
de rosa y jazmín.

Háganle la cama
en el toronjil,
y en la cabecera
pónganle un jazmín
que con su fragancia
me lo haga dormir...

Sussurra o acalanto Inés⁴¹, a Argentina, com o mate em uma das mãos e um sorriso no rosto, canta como se estivesse fazendo adormecer e acalmar os muitos conflitos que atravessam sua forma intensa de se posicionar; com ela aprendi a marchar pelas ruas. Ni una menos, vivas nos queremos!!!

⁴¹ Sonia Inés Varela – **Arroro mi niño** – VIDEO. Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/10zUL-k_B4hrxqYez32lgy7lzaI2tdtnS/view?usp=sharing

“Así, temporalidades circulares, míticas, discontinuas, propias y conflictivas se cruzan con visiones del tiempo histórico ascendente, sincrónico, en línea de continuidad por medio de las cuales se explica la existencia de un pueblo o nación.” (ARCILA, 2014, p.3)

Sonia Inés Varela inicia o relato de seu trabalho de conclusão de curso com um poema escrito por ela, *Con el alma al viento*, após descreve desta forma o local onde seu pensar inquieto, esperto, desperto fará a pesquisa

El trabajo que les voy a presentar, se ubica geográfica y culturalmente en los Valles Calchaquíes, región noroeste de la provincia de Tucumán – Argentina. Y es que los colores y el perfume de los cerros tucumanos me llenan el alma y, de alguna manera, son motivo de inspiración y de desespero en la lejanía. Además de ver esta región como un espacio de proximidad con la naturaleza, de sentir la pureza del aire y la caricia del viento, se trata de tierras habitadas milenariamente por comunidades indígenas, un mundo cultural al cual me aproximé gracias a mi hermana, durante mi adolescencia. (2017, p.15)

A preocupação com a terra e com os que aqui estavam é uma constante nas conversas e lutas desta tucumana, mulher-menina forte, lutadora dos direitos políticos, sociais, culturais, humanos, naturais; de corpo franzino que ao falar se coloca grande, enfrenta com seu território corpo-palavra quem ousar cometer em pensamento ou ato injustiças a pachamama, aos já injustiçados povos que habitam esta latino america; tem ela uma força de corpo e alma; agora em breve de mãe de Leon. Mediadora Cultural, nata.

A lo largo de mi trabajo de campo y de las lecturas, he ido construyendo algunas hipótesis y reflexiones, podría decir, filosóficas, pero también metodológicas sobre estas dos vertientes. He podido identificar que la mediación cultural sirve a los estudios de memoria para comprender las interrelaciones entre los diversos sentidos identitarios que distintos actores de una comunidad atribuyen a un pasado-presente, permitiéndome observar una serie de valores, rituales, hábitos, marcas generacionales. Todas estas categorías son constituyentes de las identidades culturales... Ahora bien, si consideramos que “la identidad está dada, en gran medida, por la mirada del otro” cuando esa mirada decide silenciar y olvidar determinados hechos que son dolorosos para ese grupo social, se produce una crisis de identidad causada por una disputa de narrativas, en última instancia, de una pugna de responsabilidades sociales. Es decir, se trata de un conflicto en el que la definición identitaria del grupo al que se pertenece, por ejemplo, a una nación, se ve marginalizada por un relato hegemónico contradictorio al senti-pensar de ese grupo. Se genera un cuestionamiento acerca de los “dueños de las palabras”. (VARELA, 2017, p.27-28)

Lá como cá; somos desta forma constituídos como latinos, os que se encontram neste *entre-lugar* dito por Silviano Santiago (1970) Essa gente transfronteiriça, que fala uma língua selvagem, nem do aqui, nem do lá; nem guarani, nem espanhol — jopara... Nem português, nem espanhol-portunhol... Esse guarani que dizem no português não estar, mas que bem ali na fronteira do *mundo do nomear* se encontra na *certidão de batismo* dos rios, das cidades, das ruas que foram tomando conta dessas terras um dia por eles nomeada, os guarani ...mundurucu, xavante, juruna, karaja, tupi...caingangue povos originários que por aqui viviam. E que bem aqui, na minha fronteira, a tríplice, aparece na lenda que dá origem às cataratas do Y guazu e dá nome a também grande construção Itaipu, que significa pedra que canta; será que ela ainda canta?

Arrorró mi niño,
arrorró mi sol,
arrorró pedazo,
de mi corazón.

Esta leche linda
que le traigo aquí,
es para este niño
que se va a dormir.

Arrorró mi niño,
arrorró mi sol,
arrorró pedazo,
de mi corazón.

...en las canciones de cuna “Los movimientos de interacción temprana madre-hijo consolidan la presencia de vínculos innatos, es decir, la tendencia a establecer una sincronía entre las actividades motoras del recién nacido con el ritmo del adulto, con su lenguaje”... El canto es un excelente recurso didáctico, afianza el sentimiento de fraternidad, el trabajo en equipo y el espíritu de cooperación ; además de entretener a quien canta y quien escucha.(Poncela, 2005, p. 21-23)

A cantiga de ninar, uma cadência constante, ritmo lento, repete através da mesma entonação palavras que se tornam murmúrios, como se reza fosse; um rito de ligação mãe-bebê, em seu balancear une e separa corpos, voz e pulsar do coração, som e silêncio; conexão serena, duas vidas, sincronia entre pensar e sentir: tempo de espera e esperança. *Temp-oral* de emoções.

Como estes também fazeres, ritos e rituais; festas religiosas que reverenciam deuses (as) e santos (as), que escondem o sincretismo de uma religião cantada em versos e rezas fortes que atravessou os mares trazida com suas crenças em orixás, de Exu a Oxalá, “Laroiê”, “Epa Babá”, “Ó Dono da Força”, “Ó Pai Admirável”, cruzando as fronteiras de um povo aqui escravo, resistente por anos a negação de um justo lugar na estrutura social; libertos mas não aceitos vivem um racismo, estrutural. (Tristão, 2018, p. 7 e p.36). Construções, invenção de uma América liberta, de um povo uno, rico em sua diversidade, bondoso, terra do sol e das águas, colorido. Palavras que nem sempre ditam verdades, significados ocultos atrás de muitos não ditos, trazem para oralidade sua história em versos, dizem que quem canta seus males espanta. Será?

Este lindo niño
se quiere dormir...
cierra los ojitos
y los vuelve a abrir.

Arrorró mi niño,
arrorró mi sol,
duérmase pedazo,
de mi corazón

Acredito então que é falando (escrevendo) sobre estes temas, cutucando feridas, que poderemos repensar, fazer as pazes com a vida, buscar outras formas de vida. Reconciliação. Quem nunca perdeu algo que muito amava, ou que apenas gostava?

Iniciamos a vida perdendo o aconchego e as facilidades que nos oferecem o útero; daí em diante cada dia passa a ser uma pequena morte, não aprendemos a contar os dias pelo que já vivemos, mas sim pelo que está por vir, está a frente... quase sexta, quase março, quase natal, chegando a virada do ano... mas contando para frente deixamos de nos fixar no agora, presente momento, e muitas vezes vivemos as memórias de um passado, não enterrado.

As visões são distintas, escrevo do lugar e situação que vivo, minhas palavras tem a força da minha cultura e é por isso difícil entender tantas outras formas de ser e estar neste mundo que querem nos fazer ver como único, mas que é de mil e um pensares (como as noites de Sherazade), um caos que nos mantém vivo enquanto a história se fizer diversa!!!!

Rizomas que se conectam, dizem saímos todos de uma mesma mãe-Terra, e como é lindo este ser, nenhum ser gerado irá se parecer totalmente á outro, cada um é um pequenino ramo, porém com algo que conecta ao outro, como irmão. Mesma família – a natureza. Diversos. Coloridos, de diferentes formas, tamanhos, modos de ser e fazer; como é a natureza. Não temos cópias, somos únicos, que se preserve a natural diversidade!

Viva o novo ser que está para nascer; Leon chega para alegrar a família das *Imbatíveis* que cresce em distintos cantos, *rinconcitos* desta Terra Latina; e Re - unila é semente que germina em um novo Re-criar, Re- creio, Re-vivo.

A Re-evolução será das crianças!!!

“¡Las tierras para quienes la trabajan!” , assim termina o agradecimento de Inés que em breve trará para terra mais uma luz de esperança.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;

porque tem gente que tem esperança do verbo esperar,

E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.

Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,

esperançar é construir, esperançar é não desistir!

esperançar é levar adiante,

esperançar é juntar-se com outros

para fazer de outro modo... (Paulo Freire, 2014, p. 110-111)

Sim, sempre haverá esperança... mas a que custo? Estamos cheios de esperanças pensando que a terra tem recursos infindáveis, e assim seguimos em um capitalismo desenfreado que sem pensar arrasta ao consumo de recursos que são, sabemos agora, limitados. Criamos desertos... de esperança, atrozos monstros de desigualdades construídas, deixando rastros de fome, doença, morte...mas sempre há esperança. Normatizamos a violência, já não mais escutamos os gritos, as batidas e os sussurros. Violamos a que nos sustenta, a mãe de todos, a TERRA. E apenas nos restou à esperança, a que nasce no coração de uma criança. *É Nata!*

3 Considerações finais

(iN) CONCLUSÃO

QUEM ACALANTA ESTA TERRA?

Me perguntei, respondi (talvez)

As canções de ninar trazem em suas letras condicionamentos que estruturam as identidades quanto a questões de gênero, raça, colonialidade? Educam para o sistema e contribuem para manter o padrão machista, homofóbico, racista, patriarcal, eurocentrado, moderno?

Trazem condicionamentos? Sim e Não.

Trazem o fazer do trabalho escravo, da mulher subjugada, do medo do *papão*, do homem branco que é o patrão, o dono da palavra; porém também são suaves, doces murmúrios, vem com elas a promessa de novos tempos.

Acredito que o medo seja algo necessário para que se caminhe, se vá em frente e faça mudanças; ele está também nas leituras dos contos infantis, serve para que se aprenda a lidar com ele — o medo — fortalece e faz transpassar as suas fronteiras; portanto conteúdos que sim deve se procurar parar de cantar/contar são os que trazem "embutidos" o machismo, racismo, que mantém e promove o sistema patriarcal e eurocentrado. Existem tantos e variados cantares...

Como a pesquisa é muito inicial apesar das inúmeras leituras realizadas o que consigo neste âmbito abarcar seria a questão do ato de ninar ser basicamente executado por mulheres e suas letras que trazem em sua maioria o gênero masculino: filho, homem, negro, boi, os papões em sua fala-escrita; mantendo assim um dos gêneros como o "mais capaz", melhor, mais forte, dominante. Uma vez que tem a palavra força de valor. Como exemplo cito a canção aqui já comentada Duerme Negrito tão conhecida, mas que tem em seu início, talvez, uma versão Dueme Negrita não tão assim divulgada, reconhecida. "Duerme negrito" traz na canção esta ambivalência de ser doce a melodia, a que quer adormecer, porém dura a realidade cantada em sua letra; esta dualidade

acaba por atravessar gerações de almas que com ela foram embaladas, este sentimento me relata Livia após a leitura do capítulo a ela dedicado, o que fala sobre os ancestrros.

O racismo e o machismo pode-se ver nas questões mais subliminares, no fato de ser a mulher que lava, passa, cozinha e o homem ao chegar em casa tem de descansar, para isso deve o menino(a) estar à dormir. Talvez muito disso tenha mudado, então porque não o que cantamos?

Nisto me baseio para falar que sim, as canções estão envoltas destes mesmos padrões que constituem a sociedade ocidental, patriarcal moderna.

E não, existem outros modos de se posicionar no mundo, com isso também outros cantares, murmurares trazidos pelo outro medo cantado, o que nos move.

Estão estas cantigas de costas para a natureza e para todos os que têm outras cosmovisões de mundo? Não e Sim.

Não e sim, novamente pois ao seguir com a pesquisa à qual pretendo dar continuidade, não tendo tratado disto no trabalho de conclusão de curso (TCC), encontrei muitas outras formas de ninar principalmente em culturas dos povos originários e afrodescendentes; são cantigas mais voltadas para os sons da Natureza; arroros⁴² e repetições onomatopéicas.

Sim existe e não porque ainda necessitamos "Habitar nossas Lenguas", ou seja, elas estão por aí mas à elas também não se dá a devida escuta e assim como as línguas morrem, estas canções se perdem. Um dos trabalhos que encontrei trata justamente sobre esta questão, a linguista Cristina Fargetti (2017) faz a pedido do povo yudjá (juruna) um apanhado de 49 cantigas de ninar que desta forma embalados resistem a aculturação que ameaça a estes povos, originários. Estas cantigas estavam se extinguindo, foi um trabalho de resgate dentro da própria comunidade juruna que não mais as utilizava.

⁴² El arrorró, una antigua canción de cuna bereber que llegó a España y América Disponível em <https://www.efc.com/efe/espana/cultura/el-arrorro-una-antigua-cancion-de-cuna-bereber-que-llego-a-espana-y-america/10005-2579705> acesso em 13 de novembro de 2019.

Por isso pergunto: *Com que canções de ninar estamos embalando nossas crianças?* Sem resposta...

E sim Há gritos no silêncio.

Parar de cantar e sussurrar preconceitos e manter estruturas sociais que há muito deveriam ter sido "derrubadas" torna-se necessário; podemos trazer outras canções que falem mais de amor a natureza, ao ser, ao outro; tantos seriam os cantares mas claro está que a vida não é doce, dela não podemos tirar o que é também natural; o medo do desconhecido que nos move.

Boi, boi, boi

Boi da cara preta

Pega essa menina que tem medo de careta....

Buscando rumos

Conclusão uma... (Passado?)

“O mal não é o que entra na boca do homem, é o que sai dela” - provérbios

Esta nova, velha era. *Sociedade do cansaço* escreve Byung-Chul Han⁴³ no que concordam tantos outros cientistas sociais da era pós-moderna. Século XXI, chegamos sobreviventes aos quinhentos e vinte e sete anos após a invasão da América, a comemorações de 200 anos de algumas das Independências desta Abya Yala.

Mas, pobres em pensamentos utópicos nos deixamos levar pelo cientificismo e suas soluções práticas, explicações que levam a respostas de curto prazo; ninguém quer “problemas de raiz profunda” para resolver; uma era onde o superficial é solucionável, da aparência das “coisas estão resolvidas”, um varrer para baixo dos tapetes e móveis, esconder para não ver. Então, surgem às vezes silenciadas apontando para “sujeira escondida” – cansadas saem com os sopros do vento a entoar sons, marcando os silêncios com sangue, injustiça, suor, dor, de corpos subjugados, aos quais não se queria olhar; agora usam a voz que não quer mais se calar e por ela unidos saem aos poucos dessas profundezas escuras onde foram “enterradas”, apagados como corpos mas não morto o seu falar, o seu cantar; surgem nas vozes das danças e cantos com a força da compreensão em corpos novos que se levantam e assim, negros, povos originários, servos, serventes, escravos, mulheres, homens, transgêneros, deste novo tempo começam a ter vez e voz. Um rap, contestações, rodas curativas, cantar ancestrais, tertúlias, telas, filmes, vídeos, comunicação virtual, palestras e agora entram finalmente nas ciências sabedoras e promulgadoras de um só saber universal e desestruturam a estes sábios, a estas vozes embaçadas nesta sábia

⁴³“Sociedade do Cansaço” de Byung-Chul Han. Disponível em <https://razaoinadequada.com/2017/06/25/byung-chul-han-sociedade-do-cansaco/> acesso em 13 de julho de 2019

ciência, na sua sapiência, gurus da modernidade; usam então dessa palavra-poder e empoderam-se para se fazer saber que a história não é só uma, que tem aquela “meio escondida”, meio silenciada, meio apagada que agora pode ser completa, inteira – uma voz que ecoa de norte à sul, de sul a sul, de sul à norte ou por onde os “bons ventos” soprem...a rosa dos ventos.

Seguimos..... Estes *novos* escravos de si mesmo. Buscando *outras* utopias.

Precisamos voltar a produzir afetos longamente esquecidos ou até mesmo nunca antes experimentados. Precisamos descobrir os “não-para” dos nossos corpos. Corpos-sem-órgãos. Nossas vidas não são para o trabalho... estranho precisar dizer coisas tão óbvias! Nossos sorrisos não são para a propaganda! Nossas peles não são para a cor! Nossos gêneros não são binários! Nossas sexualidades não são para a reprodução! Dessas descobertas depende o para-isso de nossos corpos. Temos um mundo novamente a inventar! Temos uma sociedade a desmontar! Temos um corpo novo a pensar!⁴⁴

Ou estes *outros* escravos de si mesmos. Buscando *novas* Utopias...

Quem se entendia no andar e não tolera estar entediado, ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se afundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entendia. Assim, ele será impulsionado a procurar um movimento totalmente novo. [...] Comparada com o andar linear, reto, a dança, com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente do princípio do desempenho.⁴⁵

Passividade, exploração, natimortos, escravos de nós mesmos... *andamos em andrajos...* já dizia Paz. Inquietos apenas reproduzimos aceleradamente o que já existe; sem tempo para pensar ou absorver o novo, sem tempo de uma verdadeira escuta do Outro, apenas andamos sem rumo certo, pare o *Coelho do Tempo*. Cansamos de injustiças, as *Alices* saem do mundo das maravilhas, ao olhar no espelho; acordam e já não mais querem adormecer; buscam sem rumo outras canções de ninar para aos seus filhos poderem cantar; que ao adormecer acorde para os sonhos há muito sonhados...

⁴⁴ Ibidem

⁴⁵ Byung-Chul Han, *Sociedade do Cansaço*, 2015, p.34-35

Buscando rumos

Conclusão Outra... (Presente)

"Eu ainda sinto a esperança como minha concepção de futuro"
*Jean Paul Sartre*⁴⁶

O livro *Infância a Idade Sagrada*, de Evânia Reichert, traz o subtítulo *anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos*. Fala do cuidado do processo formativo da criança desde sua concepção e da importância de todos os que dele fazem parte: pais, avós, cuidadores, professores, pediatras; todos. Busca mostrar outras formas de relação para o sonho de um mundo de esperança onde se encontre "brilho nos olhos" das crianças; penso também na nossa, a que se encontra em cada um de nós.

Atualmente, as crianças apresentam comportamentos antes nunca vistos, com posturas de confronto e desacato a pais e a professores. A agressividade e o desrespeito são crescentes, assim como a drogadição e a falta de regulação das emoções. Também se tornou comum, especialmente nos centros urbanos, que as crianças se mostrem sérias e fechadas na maior parte do tempo. São habituais os diagnósticos de hiperatividade, déficit de atenção, fobias, ansiedade generalizada e depressão. A confusão é grande e corremos o risco de nos alongarmos nesse emaranhado - que causa grande sofrimento psíquico e social - caso não se vislumbrem novos caminhos. Entretanto, apesar do caos, continuamos avançando. *O impasse desse momento faz parte do processo de mudança: voltar atrás, para o que já conhecemos, ou então, seguir em frente, onde existe o novo, o desconhecido.*⁴⁷ O ponto mais crítico é exatamente esse, quando nos percebemos vagando pela desconcertante terra de ninguém. Nela nada é estável, nem evidente, já que sofre contínua transformação. Embora estejamos frente a frente com novas possibilidades, a perda das antigas referências produz uma bruma de angústia e temor do futuro, o que dificulta a percepção do caminho a seguir. (REICHERT, 2016, p.18-19)

O mundo das nuvens, esse espaço virtual, está "comendo" as pessoas que viram zumbis, robôs, autômatos cuja emoção primeira é consumir o inconsumível, a nova tecnologia, que cada vez pede mais e mais espaço na

⁴⁶ REICHERT, Evânia. *Infância a idade sagrada: anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos*, p.17. Introdução.

⁴⁷ grifo por mim realizado.

nuvem e utiliza o tempo de lazer, o de estar com outras reais pessoas, de trabalho, de leitura, filmes, música, de convívio real; dirigindo, direcionando todos a este nada onde vendo muito nada se vê, destruindo desta forma a emoção do contato corporal, deixando para trás o mundo real, levam uma gama imensa de jovens, crianças, adultos, viver em uma outra realidade; virtual, em que milhões de cliques para salvar o planeta são dados mas, imóveis, imobilizados frente ao irreal deixam-se morrer a cada milésimo de segundo, sem uma relação.

Vivem no mundo da nuvem virtual.

Imaterial-novo continente de conquista- Almas.

Quem acalanta esta terra- território, Infância?

Buscando rumos

Conclusão alguma... (Futuro)

*“Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”
 “Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato. “Não me importa muito para onde”, disse Alice. “Então não importa que caminho tome”, disse o Gato. “Contanto que eu chegue a algum lugar”, Alice acrescentou à guisa de explicação. “Oh, isso você certamente vai conseguir”, afirmou o Gato, “desde que ande o bastante.”⁴⁸ (CARROLL, p.104-5, capítulo VI)⁴⁹*

O passado é o futuro que ainda não chegou? Ou o futuro é o presente que aqui está? *Des-caminhos* do tempo presente; respondo ao gato de Cheshire, o da Alice.

Segui a pesquisa e na disciplina de Etnomusicologia com o professor Félix Eid fiz outras perguntas; por ser uma etnografia fiz um trabalho de campo agora mais direcionado, buscando outras cosmovisões e nelas descobrir canções de ninar que diferente das aqui tratadas fossem voltadas mais para os sons da natureza e realizado seu embalar não somente por mulheres; relato agora uma das entrevistas realizadas, retirada do trabalho final para esta disciplina. Também faço um breve relato da apresentação feita para última disciplina do curso, a de economia da cultura com o professor Aníbal Orue; que trará as várias formas de se pensar um novo estado democrático através da cultura, penso no Buen vivir. Sempre eles os trabalhos dão vazão a continuidades, ou não, podem também ficar ali esquecidos por muitos e muitos anos adormecidos, até que um dia sejam *des-a-dor-meXidos*:

Primeiro caminho: ETNOMUSICOLOGIA - Félix Ceneviva Eid (2019-1)

⁴⁸ “Would you tell me, please, which way I ought to walk from here ?”

“That depends a good deal on where you want to get to,” said the Cat.

“I don ’t much care where——” said Alice.

“Then it doesn’t matter which way you walk,” said the Cat. (Texto original)

⁴⁹ Disponível em <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/arquivos/alice-no-pais-e-atraves-espelho-trad-m-l-borges.pdf> acesso em 29 de novembro de 2019.

Busquei nesta etnografia o masculino cantante, o embalar das crianças realizados por pais, tios, avós, cuidadores, homens e seus cantares, como também outras cosmovisões que não hegemônicas, que virassem a máxima do cuidado de crianças ser realizado por mulheres. Relatarei aqui brevemente apenas uma das entrevistas.

Quarta Entrevista – Uma família- Fernando, Paula e Néwen⁵⁰

Local: Esta é a única entrevista não realizada nas dependências da UNILA, foi inusitada, pois não constava nos planos, a primeira abordagem foi realizada por mim dia 25 de maio no bazar de inverno promovido pela casa Vivá, escola Waldorf, onde conheci a Paula e falei sobre minha pesquisa; relatou-me sobre a música que Fernando fez para Newén adormecer quando era recém-nascido e que se tornou uma *canção história*, própria deles para o filho. E como estava de viagem Fernando marcamos em minha casa, o que aconteceu em data posterior.

Data: 09 de junho – Domingo – 18h 37 min

Considerações: Fernando inicia relatando como surgiu a canção “inventada” por ele para Newén e depois incorporada aos códigos de família, fatos que ocorrem e se tornam uma linguagem única do grupo familiar. Assim que já havia o pai cantado e embalado o filho recém-nascido, com as canções que conhecia e o sono nele não acontecia, continuava chorando. Resolveu então criar algo; como tem o menino um nome de origem indígena, dos mapuches da região do que hoje é o sul da Argentina e Chile e encontravam-se eles em uma região totalmente diferente daquela que estaria vinculada ao nome do bebê... fez o elo, cantando o nome de seu filho incorporando-o ao novo ambiente, a estas outras paisagens e animais do local onde agora vivem eles. Assim a canção iniciou com um macaco que vinha navegando pelo rio Paraná e depois mais adiante foram sendo

⁵⁰ Fernando Gabriel Romero Wimer, Doutor em História pela Universidad de Buenos Aires (UBA) e Professor de magistério superior da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. (UNILA).

Paula Daniela Hellmund Fernández. Possui Doutorado e graduação em Ciências Antropológicas - Universidad de Buenos Aires (UBA). Atualmente é docente e pesquisadora do curso de Relações Internacionais e Integração, da especialização em Relações Internacionais Contemporâneas e do mestrado em Relações Internacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

integrados outros animais, lugares; um diálogo da criança, da família com o novo ambiente.

Paula canta então uma parte da *canção história* com Newén no seu colo...

Assim termina o relato: (5:49) “ *e balançava, a las duas da madrugada...e neste movimento (faz Fernando com os braços a ação de ninar)...bien era a primera sonrisa y se va relajando hasta que dormía. Esa fue la história que nosotros incorporamos también para nosotros y por estar en una región totalmente diferente, un diálogo de nosotros con la región, con el mencionar del Paraná, mencionar del Iguazú y los distintos animales que hay en el lugar.*”

Quem acalanta faz para si e para o outro; para a criança a quem quer adormecer, acalma ambos, no embalar que leva a um não estar, a uma escuta dos medos e *incertidumbres* que se diluem no sussurrar das palavras, sons. Harmonia. Tempo e espaço se esvaem para um não lugar, este é o poder contido nas canções de ninar, que assim como curam, criam laços, podem causar ligações através das palavras cantadas com causas e ideias que se tornam inerentes à subjetividade. Com que canções estamos acalantando nossos filhos? Sigo perguntando...

Segundo caminho: ECONOMIA da CULTURA - Aníbal Orue Pozzo (2019-2)

Nesta disciplina o trabalho final constitui-se na busca de uma prática ligada aos princípios da economia apresentados, criativa, solidária, teko porã, buen vivir. Elegi esta última e identifiquei a pedagogia Griô como prática dos objetivos elencados pelo Buen Vivir. O local onde nasce esta pedagogia é Lençóis na Bahia, virou livro, foi para escrita, se movimenta através das redes sociais virtuais, mas é a prática do contato direto, da corporalidade que dá a esta pedagogia o poder da "*Reinvenção da roda da vida*". Pergunta Lilian Pacheco a idealizadora desta prática educativa: Era neste mundo que sonhei me incluir?

Para exemplificar vou relatar brevemente aqui uma pedagogia, sou educadora infantil e isso atravessa meu ser desde que por gente me conheço, busco outras formas de educar e encontrei recentemente na pedagogia Griô uma alternativa para ver, aprender e sentir o mundo que traz em seus princípios o respeito pelo Outro e seus sentires, fazeres e maneira de se colocar e estar no

mundo, no universo. Amor pela mãe natureza é um dos fundamentos que regem esta filosofia, de vida.

A pedagogia Griô se diz Comunitária. Sua idealizadora Lilian Pacheco, como muitos educadores tinha mais questionamentos que respostas, angústias que se basearam na "espontaneidade criativa e vivencial" como diz ela, de escritos não só acadêmicos mas da ação dos movimentos comunitários, dos ativismos sociais, da cultura viva, da reinvenção do corpo através do afeto, da dança, da oralidade, do diálogo que rompe tensões e liberta do fundamentalismo religioso, do consumo desenfreado, dos preconceitos, dos "ismos sociais"; traz para roda o vínculo com a ancestralidade dos povos originários, do povo negro; dá aos não ouvidos o poder da palavra e traz para a escrita o que nos cantares e saberes transmitidos desde que o mundo é mundo vem sendo passado através dos Griôs, Pajés, Xamãs, Bruxas, Feiticeiras... esse povo todo que teima em não se deixar morrer sua forma de ser; completa assim essa identidade Latina re-negada; celebrar a vida é a regra, a norma. Vem para Roda!

Busco por outras cosmovisões em ambos os caminhos aqui apresentados, sei que o tempo e a roda da vida não anda para trás mas podemos reverenciar formas de vida que foram ao longo dos anos apagadas, invisibilizadas, vistas e contidas como não próprias para o desenvolvimento e progresso necessários para seguir o projeto de "Pátria para todos" que deixava para trás "Nuestra America", Abya Yala.

Penso: E se Colombo aqui não tivesse chegado?

Seríamos a nação *atrasada* e sem *educação*, sem regras ou leis, sem juízo ou religião?

Selvagens; assim não teríamos de resistir às mudanças imposta de fora, porém sim teríamos os conflitos internos próprios, sempre há contradição, o mundo é pluridiverso, pluricultural, pluridirecional, é movimento universal, que se vê no local, é único em cada ser; é totalidade, é comum à todos, rizomático, onde o que faço atinge ao outro, e ao outro... uma rede de conexões, é uma só comunidade : a casa da mãe, a TERRA.

Um UNI-VERSO, sem fim!!!

SEM FIM... E sem começo. UMA RODA DA VIDA!

*“la canción de cuna perfecta sería la repetición de dos notas entre sí, alargando duraciones y efectos”
y que “en la melodía, mucho más que en el texto, se refugia la emoción de la historia”.*
Federico García Lorca, en su conferencia titulada
“Canciones de cuna españolas”

“Os braços da mãe ou do pai são e continuam a ser os primeiros e mais doces berços, e suas vozes, a primeira e mais doce música”, é presença protetora, mesmo que o canto traga em seu falar o medo ou o som sibilado do arroro, não é a letra mas o movimento embalado que cria laços, constrói empatia. É instintivo, é “selvagem”, é ritmo da natureza, acalantar é abraçar com a voz.

A canção de ninar, estruturando o tempo por suas repetições, suas rimas, suas paradas, oferece à criança, como dizia o filósofo Gilles Deleuze, "um começo de ordem no caos".

Como disse ao início desta pesquisa e após as leituras aqui realizadas não se tem como precisar a origem ou como surgem estas canções que embalam sonhos desde que o mundo é mundo... que emigram, que passam de geração em geração, que são puro movimento e mudam seus cantares conforme os fazeres de quem delas se apropria; assim que ao final concluo que muito ainda há que se pesquisar e que tão importante quanto este cantar ser realizado por mulheres é fundamental que seja também um movimento masculino; sem distinção de gênero; que o nascer *menino* ou *menina*, aquela preocupação primeira dos pais não tolha o cuidado afetuoso e necessário que não se encontra nas dualidades mas sim na união de corporalidades que se completam, também desde que o mundo é mundo.

E assim música, língua, corpo e movimento se tornam um só entoar onde a língua materna se une a musical e os ritmos e batidas levam de coração a coração os saberes que farão parte das memórias de cada um que despertados serão pela lembrança da escuta, são afetos que levam a aplacar os medos enterrados, os medos vencidos, os medos conhecidos ou mesmo aqueles desconhecidos, mas que atravessam a existência do ser de cada um, talvez desde que o mundo é mundo...

Amor silencioso, sem pólos, sem dualidades, sem gênero, sem raça, sem controle, apenas soa como o vento e o canto dos pássaros...

Não é um fim, mas um apontar outros caminhos, outros trilhares, pensares, cantares... sem começo, sem fim!!!

É RODA sem cantos, mas de muitos cantos, CANTARES, SABERES, DIZERES.
VEM PARA RODA VEM...

REFERÊNCIAS

Livros

ALTHUSSER, LOUIS. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. (Notas para uma investigação). 3ed. Lisboa: Editorial Presença/ Martins Fontes, 1980.

AUGÉ, Marc (2012) [1992], **Não-Lugares – introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. Lisboa, Editora Letra Livre, 2012.

BYUNG-CHUL, Han. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ed. Ática SA, 1989.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Tradução: Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CENDALES, Lola; MEJÍA, Marco Raúl et JUNIO, Jairo Muñoz. **Pedagogías y metodologías de la educación popular- “se hace camino al andar”**- CEAAL- Colectivo. Colombia, Bogotá D. C.: Ediciones desde abajo, 2016. ISBN: 978.958.8926-27-8

CHAMORRO, Graciela. **ÑE'Ë - a palavra-alma**. Dourados-MS: Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**; tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DUARTE, Olga Maria Carvalho. **Teolinda Gersão: A escrita do Silêncio**. Universidade do Minho: Instituto de Letras. Departamento de Estudos Portugueses. Mestrado de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa. Braga, 2005.

DUSSEL, Enrique. **1492 - o Encobrimento do Outro - a origem do mito da Modernidade**. Conferências de Frankfurt / tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomia y Diseño: La realización de lo comunal**. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

FARGETTI, Cristina Martins. **Fala de bicho, fala de gente: cantigas de ninar do Povo Juruna**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. 5 ed. Argentina: Buenos Aires, Catálogos S.R.L., 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GROS, Frédéric. **Desobedecer: Frédéric Gros** / Título original: Désobéir
Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MACHADO, Sílvia de A. Pinheiro. **Canções de ninar brasileira: Aproximações**.
São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2017.

PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PACHECO, Lilian. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis,
Grãos de Luz e Griô, 2006.

PONCELA, Anna M. Fernández. **Canción Infantil: discurso y mensajes**. Rubí
(Barcelona): Anthropos Editorial, 2005.

PUIGGRÓS, Adriana. **De Simón Rodríguez a Paulo Freire: educación para la
integración iberoamericana**. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2005.

REICHERT, Evânia. **Infância a idade sagrada: anos sensíveis em que nascem
as virtudes e os vícios humanos**. 5. ed. Porto Alegre: Vale do Ser, 2016.

SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SEGATO, Rita. **La crítica de la colonialidad em ocho ensayos y una
antropología por demanda**. Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeu
Libros, 2013.

WAH TRISTÃO, Waldete e BRESSANE, Caco. **Conhecendo os Orixás: de Exu a
Oxalá**. São Paulo: Arole Cultural, 2018.

WAHL, Daniel Christian. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro:
Bambual Editora, 2019.

ZOVICH, Luis Alberto. **Mitologia guaraní: el origen de los originarios**. 1ªed.
Posadas, Argentina: Editora artesanal Clan Destino, 2015.

Capítulo de Livro

ALVES, Castro [1847-1871]. *A Canção do Africano*. Publicado no livro: A
Cachoeira de Paulo Afonso: poema original brasileiro (1876) In: **Castro Alves
Obra Completa**, (Org.) Eugenio Gomes, Nova Aquilas, RJ, 1986.

GROSFOGUEL, Ramon. *La Descolonización de la Economía Política*. **Cuaderno
de Investigación**. Universidad Libre de Colombia. Bogotá: Editorial Kimpres,
2010.

HANCIAU, Nubia Jacques. O ENTRE-LUGAR. In: FIGUEIREDO, E. **Conceitos de
literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EDUFF, 2005, p. 215-141.

REVUZ, Christine. *A Lingua Estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua (gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 213-230.

STONE, Merlin. *Cuando Dios era Mujer*. In: **Del Cielo a La Tierra - Una antología de teología Feminista**. Serie Crítica Cultural-Feminista. (Org.): Mary Judith Hess, Ute Seibert, Lene Sjørub. Santiago-Chile: Sello Azul, 2 ed, 1997. p. 175-184.

Artigo de revista

BELLO, Jorge. *Duerme, duerme, Negrita*. In: **Diário UNO**, n.9, p.19. Julio de 2013.

CRIADO, Arturo Martín. *Montruos que guardan la casa*. In: **Revista de Folklore** Fundación Joaquín Díaz /n. 447, p.4-19, Mayo 2019.

DELGADO, Susy. *Los señores de la palabra*. In: **Revista Nómada**, número 4, p.6-10, abril de 2007.

DUARTE, Leop. *Sobre essa tal “assimilação”*. In: **Revista Ókoto**, ed.62,5 Nov. 2018.

FERRARI, Márcio. *Sons para embalar*. Características formais das canções de ninar induzem ao sono e inserem bebê em contexto cultural e afetivo. In: **Pesquisa FAPESP**, 268, p 88-89, Junho de 2018.

GUERRA, Denise. *Corpo, som e Movimento*. Acalantos Afro-brasileiros In: **Revista África e Africanidades**. Ano 2 - n. 8, fev. 2010 - ISSN 1983-2354

IKEDA, Alberto T. *Cultura e música popular*. Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração. In: **Estudos avançados** 27, p.79, 2013.

PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción de Cuna: Arrullo o Desvelo*. In: **Anales de Antropología**, Ciudad Universitaria, 04510, México, D.F., Vol. 39-II, p. 189-213, 2005. ISSN: 0185-1225

PRIEGO, Consuelo Martínez. *La “SOCIEDAD SIN PADRE” En La Obra Psicológica de Rof Carballo*. Aproximación a la cuestión del ateísmo contemporáneo. In: **Límite. Revista de Filosofía y Psicología**. v. 6, Nº 24, p. 43-54, 2011.

REZENDE, Antonio Paulo. *Octavio Paz: as trilhas do Labirinto*. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 223-248, 2000.

RIBEIRO, Leticia Porto; MESSINA, Marcello. *A Canção de Protesto “Latino” – Americana das décadas de 60 e 70: Trânsitos e Dissoluções Fronteiriças*. In: **Anais da XIII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericanas**. Rio Branco, Brazil, Aug. 2018.

Artigos da Internet

ANDRADE, Mário. **As canções emigram**. Sub specie alteritatis.<Disponível em: <https://subspeciealteritatis.wordpress.com/2018/12/11/as-cancoes-emigram-mario-de-andrade/>>acesso em 30 de outubro de 2019.

BOTELHO, Jota A. **A história da canção Duerme Negrito**. In GGN: O Jornal de todos os Brasis, 18/07/2015. <Disponível em: <https://jornalggn.com.br/memoria/a-historia-da-cancao-duerme-negrito/>>acesso em; 13 de agosto de 2019.

CARROLL, Lewis – **Alice no País das Maravilhas**. <Disponível em <https://www.culturagenial.com/livro-alice-no-pais-das-maravilhas-lewis-carroll/>> acesso em 13 de junho de 2019.

DA SILVA, Elisane Andressa Kaiser. **Projeto SOMnhar**. <Disponível em: https://www.facebook.com/pg/somnhadores/about/?ref=page_internal>acesso em 26 de outubro de 2019.

DELEUZE - Ritornelo (e o Jazz). In: **Razão Inadequada**.< Disponível em <https://razaoinadequada.com/2017/03/12/deleuze-ritornelo-e-o-jazz/>>acesso em 15 de julho de 2019.

DYLAN, Bob. **The times they are a-changin**. <Disponível em <https://www.letras.mus.br/bob-dylan/11920/traducao.html>>acesso em 13 de agosto de 2019.

DURAN, Renata. **Lectura poética de Libertad bajo Palabra**. In: América: Cahiers du CRICCAL, nº6, 1989. *Poésie hispanoaméricaine contemporaine*: Vicente Huidobro et Octavio Paz. <Disponível em https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1989_num_6_1_956> acesso em 12 de outubro de 2019.

FERNÁNDEZ, María Paz. **El arquetipo materno, la urdimbre constitutiva y la reprogresión**. <Disponível em: http://mariapazenriquez.blogspot.com/2013/12/el-arquetipo-materno-la-urdimbre_1333.html>acesso 06 de novembro de 2019.

FERRO, Gabo. **La perfecta canción de cuna**. <Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/suplementos/radar/17-6852-2011-02-20.html>>acesso em 13 de agosto de 2019

GALEANO, Eduardo. **Los Nadie**. Escute e leia a letra. <Disponível em: <https://lyricstranslate.com/pt-br/eduardo-galeano-los-nadies-lyrics.html>>acesso em 23 de novembro de 2019.

PERASSO, José Antonio. **RECOPILOCIONES 1 - Compilación de Textos, Música Folklórica Mestiza y Autóctona del Paraguay**. Portal Guarani. < Disponível em http://www.portalguarani.com/951_jose_antonio_perasso/16047_recopilaciones_1_compilacion_de_textos_musica_folklorica_mestiza_y_autoctona_del_paraguay_jose_antonio_perasso_.html>acesso em 13 de outubro de 2019.

PONCELA, Anna M. Fernández. **Canciones, infância y violência**.< Disponível em http://www.difusioncultural.uam.mx/casadeltiempo/31_iv_may_2010/casa_del_tiempo_eIV_num31_63_72.pdf> acesso em 29 de junho de 2019.

TALAVERA, Garcia Francisco. **El arrorró, una antigua canción de cuna bereber que llegó a España y América.** < Disponível em: <https://www.efe.com/efe/espana/cultura/el-arorro-una-antigua-cancion-de-cuna-bereber-que-llego-a-espana-y-america/10005-2579705>>acesso em 13 de novembro de 2019.

USINA de VALORES. **Sete Mulheres Indígenas que você precisa conhecer.** Disponível em <<https://usinadevalores.org.br/aqui-esta-uma-lista-com-7-mulheres-indigenas-que-voce-precisa-conhecer/>>acesso em 02 de outubro de 2019.

Eventos

OLIVEIRA, Allan de Paula. *A Canção como Antropologia*. Modalidade: Comunicação - Subárea: Etnomusicologia. **XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** – B. Horizonte, 2016. p.3-8

PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción de Cuna: Arrullo o Desvelo*. In: **Anales de Antropología**, Ciudad Universitaria, 04510, México, D.F., Vol. 39-II, 2005. p. 189 -213, ISSN: 0185-1225

Livros PDF (para Download)

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença/ Martins Fontes, 1980.<Disponível em <https://politica210.files.wordpress.com/2014/11/althusser-louis-ideologia-e-aparelhos-ideolc3b3gicos-do-estado.pdf> >acesso em 15 de junho de 2019.

CENDALES, Lola; MEJÍA, Marco Raúl et JUNIO, Jairo Muñoz. **Pedagogías y metodologías de la educación popular-** “se hace camino al andar”- CEAAL- Colectivo. Colombia, Bogotá D. C.: Ediciones desde abajo, 2016.< Disponível em: www.desdeabajo.info>acesso em 19 de setembro de 2019.

DUSSEL, Enrique. 1492: el encubrimiento del otro : hacia el origen del mito de la modernidad. La Paz: LugarPlural Editores UMSA. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1994. < Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20111218121312/10.epilog.pdf> >acesso em 26 de junho de 2019.

GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. Argentina: Buenos Aires, Catálogos, 2001<Disponível <https://static.telesurtv.net/filesOnRFS/news/2015/04/13/laspalabrasandantes.pdf>>acesso em 2 de novembro de 2019.

MACHADO, Silvia de A. Pinheiro. **Canção de ninar brasileira: aproximações.** Tese (doutorado), Universidade de São Paulo, SP, 2012.<Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde28082012124302/publico/2012_SilviaDeAmbrosisPinheiroMachado_VRev.pdf>acesso em 16 de outubro de 2019.

Teses consultadas e Vídeos da Etnografia

Capítulo I

RECALDE, Godoy Leidy Janina, **Comarca Guarani: Literatura y Cultura**. 2017. 84 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Letras, Artes y Mediación Cultural) – Universidad Federal da Integración Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/3638>

VIDEO ACALANTO: **Leidy Janina Recalde Godoy – Torore rore**.
<https://drive.google.com/file/d/1g3y-UQBOxoJlCaL0vHWnq8I-pNQfjj/view?usp=sharing>

Capítulo II

DA SILVA, Elisane Andressa Kaiser. Mediação Cultural: **Literatura Infantil e Música: A Interculturalidade Através da Contação de Histórias nas Escolas**. 2017. 74 Páginas. Trabalho de Conclusão de Curso - Letras, Artes e Mediação Cultural – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em <https://dspace.unila.edu.br/123456789/3207>

VIDEO ACALANTO: **Elisane Andressa Kaiser da Silva – Mãezinha do céu**.
<https://drive.google.com/file/d/10kob3Rs0gioPAnLwHzf1A698YgNneKXw/view?usp=sharig>

Capítulo III

MOISES, Livia Gomes Moreira. **Cidade dos Sonhos: Mediação para a cidadania**. 2018. 51 Páginas. Trabalho de Conclusão de Curso - Letras, Artes e Mediação Cultural – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/4962>

VIDEO ACALANTO: **Livia Gomes Moreira – Duerme Negrito**.
<https://drive.google.com/file/d/1aboH7spl6rHZF19ILZJvF2rEFXqRt25g/view?usp=sharing>

Capítulo IV

VARELA, Sonia Inés. **Antigua Ciudad de Quilmes: memorias a 40 años de su reconstrucción**. Año 2017. Número de páginas: 98. Trabajo de Conclusión de Carrera (Graduación en Letras – Artes y Mediación Cultural) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz de Iguazú, año 2017. Disponível em <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/3368>

VIDEO ACALANTO: **Sonia Inés Varela – Arroro mi niño**.
https://drive.google.com/file/d/10zUL-k_B4hrxqYez32lgy7lzi2tdtnS/view?usp=sharing